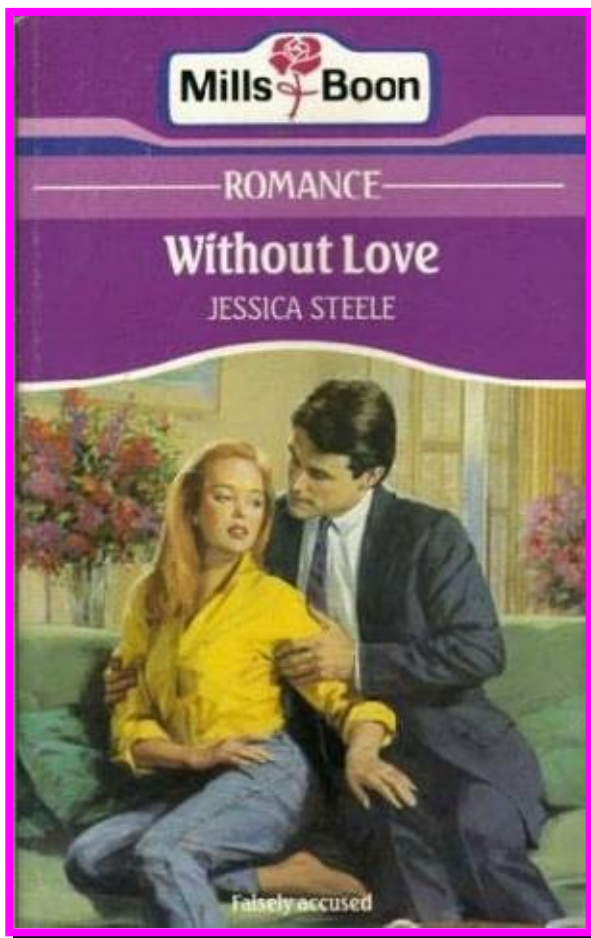


Sem Coragem para Amar

(Without Love)

Jessica Steele



Uma garota do interior, enfrentando os riscos de uma cidade grande!

Quem era aquela mulher que ousara desafiá-lo?, Lyon se perguntava. Quem era aquela bela mulher que ousara enfrentá-lo sem o menor resquício de medo?

O nome dela era Kassia Finn. Destemida, prometera a si mesma que faria tudo para provar sua inocência. Mas só ela sabia como fora difícil enfrentar um dos homens mais ricos do mundo. Como fora difícil conter a emoção que a invadira ao conhecer o poderoso Lyon Mulholland, pois quase se esquecera de que estava



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele
sendo vitima de uma terrível injustiça!



Digitalização: Polyana
Revisão: Cynthia

Copyright: Jessica Steels

Título original: **Without Love**

Publicado originalmente em 1988 pela
Mills & Boon Ltd., Londres, Inglaterra

Tradução: Jerusa Guíjen Garcia

Copyright para a língua portuguesa: 1990

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda
Impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.



CAPÍTULO I

Aquela segunda-feira prometia ser como qualquer outra. Para Kassia Finn, porém, ela terminaria de forma muito diferente.

Como estava um pouco adiantada, resolveu dar um último retoque na aparência antes de sair para o trabalho, apesar da falta de motivação em se arrumar que vinha sentindo ultimamente.

Seu chefe estava afastado por motivos de doença já há uma semana, mas assim que voltasse Kassia lhe entregaria a carta de demissão. Faria isso, porém, com um certo constrangimento, pois nunca trabalhara com alguém tão amável como o Sr. Harrison.

Fora contratada pela Mulholland Incorporated há apenas dois meses, mas o serviço a consumira de tal forma que já se sentia exausta. Quando entrou para a empresa encontrou-os tão empenhados na proposta de sociedade com uma firma de engenharia que o seu chefe, após o término desse trabalho, se prostrou estafado. Deram tudo de si para tentar vencer a concorrência, trabalhando até altas horas da noite e levando serviço para casa nos fins de semana.

Kassia experimentara uma grande satisfação quando por fim entregara a seu chefe a proposta para a conferência final. Lembrava-se ainda de sua fisionomia tensa e a voz cansada ao desabafar: "Nunca trabalhei tanto em minha vida".

Partira do Sr. Harrison a iniciativa de dispensá-la mais

cedo naquele dia para ir visitar seus pais em Herefordshire. Ao voltar desse fim de semana, porém, sentira-se culpada por não ter permanecido em Londres até que tudo se resolvesse. Seu chefe, após tanta pressão emocional, fora hospitalizado. Desde então, ela procurou manter sempre os serviços do escritório em dia.

Já em sua sala, Kassia ponderava se não era esse sentimento de culpa que a compelia a solicitar demissão. De repente Tony Rawlings surgiu na porta.

— Luz de minha vida! — ele disse cheio de segundas intenções.

— Não! — respondeu Kassia antes mesmo de ouvir o que o rapaz tinha ainda para dizer.

Tony chefiava outro departamento, mas durante a ausência do Sr. Harrison estava acumulando os dois cargos. Que grande erro cometera ao sair com ele logo que o conhecera, Kassia pensava. O único encontro fora o suficiente para que não houvesse outro.

— Como você pode ser tão insensível? — protestou ele em tom jocoso.



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Em se tratando de você nem preciso me esforçar muito.

— Já que é assim tomara que esse telefonema lhe traga más notícias — brincou Tony enquanto ela dava de ombros e atendia a chamada, sem imaginar o quanto sua vida mudaria a partir de então.

— Aqui é Mulholland — uma voz compenetrada se identificou assim que ela atendeu. — Venha até a minha sala imediatamente.

Por alguns instantes Kassia contemplou o fone mudo em sua mão, até finalmente compreender que o chamado só poderia ser de Lyon Mulholland, o chefe. Talvez ele quisesse saber como estava indo o departamento na ausência do Sr. Harrison. Só podia ser isso, concluiu.

Mesmo achando surpreendente que um homem tão ocupado como Lyon Mulholland perdesse tempo com seus subalternos, Kassia sentiu-se satisfeita com o chamado. Quem sabe ele a convidasse para ser sua secretária... Sem ao menos perguntar quem era ela, a secretária de Lyon Mulholland, assim que viu Kassia, apertou o interfone.

— A Srta. Kassia Finn está aqui, Sr. Mulholland.

Kassia sorriu gentilmente para a Srta. Stanley, mas encabulou-se ao notar que seu gesto não obteve retribuição.

Maior foi seu constrangimento quando observou que tampouco o Sr. Mulholland lhe retribuía o sorriso de cumprimento.

Além da suntuosidade da sala, notou que o Sr. Mulholland não estava só: o Sr. Cedric Lennard, um dos diretores da empresa, também a aguardava.

Talvez quisessem cumprimentá-la pelo excelente trabalho que fizera com o Sr. Harrison na proposta da Comberton, previu.

A aparência de Lyon Mulholland também a deixou surpresa. Pensava se tratar de um senhor de idade curvado pelo tempo, desgastado pelas preocupações. Em vez disso deparara-se com um homem alto, cabelos castanhos e cheios, olhos cinza-azulados, belo o bastante para abalar a estrutura da mais firme das mulheres. Diante da fisionomia séria dos dois, seu sorriso perdeu-se num murmúrio.

— Sou Kassia Finn. O senhor me chamou? Como não a convidaram para se sentar, imaginou que algo estranho estivesse acontecendo.

— O Sr. Lennard me informou que você trabalhou bastante na proposta de Comberton — lembrou Lyon Mulholland.

Se argumentasse que estava na empresa há apenas dois meses e que o maior trabalho tinha sido de seu chefe, estaria perdendo a chance de valorizar-se. Deste modo, preferiu deixar a modéstia de lado:

— Realmente! Trabalhei demais nessa proposta, sim.

— Acompanhou essa tarefa até o fim?

— Sim senhor, até o fim — concordou Kassia, julgando ser irrelevante observar que saíra mais cedo naquela tarde, deixando as providências finais a cargo de seu chefe.

— Você se lembra de ter datilografado a conclusão da proposta antes de colocá-la no correio?



Claro que ela lembrava. Havia datilografado tanto naquele dia que jamais se esqueceria. Julgando porém improcedente queixar-se disso, respondeu secamente que sim.

— Lembra-se de que naquele mesmo dia datilografou uma carta-resposta a nossa concorrente, a Camberham Engenharia?

A finalidade dessa carta, bem sabia ela, era desviar a atenção do concorrente, já que as duas firmas estavam empenhadas na mesma proposta.

— Sim, claro! Era uma carta de cortesia.

— Nós sabemos disso — replicou o Sr. Lennard que até então se mantivera em silêncio.

— Ah! Então o Sr. Harrison lhes forneceu uma cópia, não foi? — ela perguntou.

— Não houve necessidade — Lyon Mulholland retrucou pegando a carta que estava sobre a sua mesa. — Você já viu isso antes?

— Mas como? Essa é a carta que datilografei para a Camberham...

— E esses são os relatórios que foram junto com a carta — revidou ele indignado.

— Como eles vieram parar aqui? — inquiriu ela surpresa, e acrescentou brincando para disfarçar seu constrangimento: — Será que se sentiram ameaçados, pelo teor das nossas propostas e por isso as devolveram ofendidos?

— Não estamos aqui para brincadeiras — interrompeu o Sr. Lennard, fazendo o sorriso de Kassia desaparecer.

— Desculpe, não estou entendendo. Eu datilografei a carta no mesmo dia em que...

— E encaminhou a proposta para o nosso concorrente em vez de mandá-la para o nosso cliente — gritou o Sr. Mulholland secamente.

Kassia se sentiu desfalecer. Era por isso então que a receberam de forma tão ríspida.

— Eles nos devolveram hoje a proposta perguntando o porquê de termos enviado a correspondência da Comberton para eles.

Por mais que tentasse, Kassia não conseguia balbuciar uma palavra sequer. De seus olhos brotaram grossas lágrimas que lhe escorreram pela face.

— Eles tiveram tempo de ler tudo e naturalmente modificar a deles, a fim de ganhar a concorrência — continuou o Sr. Lyon. — Você sabia, é claro, que eles também estavam concorrendo, não é mesmo Srta. Kassia?

Na verdade ela nem sabia quem estava concorrendo, mas, como a Camberham era rival número um da Mulholland, era de supor que ela estivesse.

— É claro! — respondeu, já que parecia ilógico dizer o contrário.

— Então, só o que posso concluir é que além de negligente você foi...

— Negligente? — interrompeu Kassia furiosa diante daquela acusação injusta, depois de ter se esforçado tanto nesse trabalho.

— Negligente, sim, ou será que você fez de propósito?

— Como se atreve a dizer uma coisa dessas? — retrucou furiosa, percebendo a

gravidade da acusação.

— Eu me atrevo porque, acidentalmente ou não, você fez nossa empresa perder uma concorrência importantíssima — retrucou Lyon deixando-a não só furiosa mas também estupefata, pois, não satisfeito em aniquilar seu orgulho, ele ainda questionava sua honestidade, atrevendo-se ainda a desafiá-la: — Você foi tão bem paga pela Comberton quanto pela Mulholland?

— Não! — murmurou ela entre dentes. — Por nenhuma das duas eu fui bem paga...

Isso já era demais! Considerando que ela havia ingenuamente se apresentado diante desse homem odioso, julgando que iria receber os cumprimentos pelo seu trabalho, era inadmissível ser acusada de tamanha falsidade.

— Você se traiu! — Lyon entrecortou antes que ela tivesse o prazer de participá-lo que se demitia da empresa. E, ignorando todo o ressentimento que lhe lampejava dos olhos, ele deu a palavra final: — Está demitida de seu cargo!

Kassia nunca perdera um emprego em toda sua vida, era uma experiência inédita, e essa estranha sensação de terem-na dispensado como quem lança fora um objeto imprestável amargava-lhe a alma, destruía-lhe a auto-estima, aniquilava-lhe sua dignidade. Jamais fora tão aviltada por alguém na sua vida. Sentiu vontade de esbofetear aquele homem que se mostrara tão frio e incompreensível, e talvez o tivesse feito se ele não se prostrasse invulnerável em seu pedestal de presidente de uma grande empresa.

O semblante de Kassia acusava a luta que travava consigo mesma para recuperar o controle. Sem saber de onde fora buscar forças, porém, dirigiu-se até a porta e, achando que seria desaforo sair sem dizer nada, esbravejou:

— Faça bom proveito desse emprego, Sr. Lyon Mulholland!

Saiu batendo a porta violentamente sem esperar pela resposta, que não haveria de ser das melhores, ignorando o olhar de censura de Heather Stanley.

Somente na terça-feira de manhã Kassia pode se acalmar e refletir sobre sua postura ao deixar a sala de Lyon Mulholland. Apesar de severos, haviam sido polidos para com ela e em momento algum perderam a classe. Pensando bem, havia pelo menos uma dúzia de frases menos grosseiras que substituiriam com muito mais propriedade o seu "Faça bom proveito desse emprego".

Achava-se também ridícula em pensar que um homem tão ocupado como Lyon Mulholland iria chamar uma simples secretária para agradecer-lhe pelos serviços prestados. Deveria ter pedido demissão logo em vez de esperar o Sr. Harrison voltar: teria evitado de passar por aquele vexame. Não soubera provar sua inocência ao ser acusada de espiã. Faltaram-lhe as palavras adequadas na hora exata de se defender. O nervosismo se apoderara de sua razão e ficara inerte. Não fora ela quem envelopara as propostas, apenas as havia datilografado e deixado na mesa do Sr. Harrison para assinar. Por que não dissera que naquele dia saía mais cedo do que de costume, o que a isentaria totalmente de qualquer envolvimento nesse lamentável engano? Porém, se o fizesse, teria comprometido o Sr. Harrison, que já se encontrava enfermo, mesmo sem

saber do incidente. Era preferível que levasse a culpa, pois era jovem e com certeza arranjaria outro emprego em breve. Ninguém entretanto poderia saber o quão nobre ela fora ao levar a culpa de um erro que não cometera!

Na semana seguinte Kassia sentiu-se recuperada e com forças suficientes para encontrar um novo emprego. Suas qualificações eram excelentes e nunca tivera dificuldade em empregar-se antes. Preparou-se também para a fatídica pergunta que certamente enfrentaria ao indagamem acerca do motivo que a levara a deixar o último emprego, já que não pretendia contar que fora demitida.

Assim, na primeira entrevista, afirmou:

— Eu entrei para a Mulholland Incorporated na esperança de encontrar possibilidade de me desenvolver profissionalmente, mas logo no primeiro mês de trabalho observei que não teria essa chance. Ainda fiquei mais um mês só para ter certeza.

A entrevista prosseguiu bem, Kassia argumentou que saíra de sua casa em Herefordshire aos vinte e um anos de idade para trabalhar em Londres, onde esperava ser mais valorizada pela sua capacidade profissional.

O sorriso do Sr. Harley, o homem que a entrevistava, parecia aprová-la, quando, de súbito, ele se lembrou de perguntar:

— E as referências? Você faria alguma objeção a que entremos em contato com seus empregos anteriores?

Dos seus três empregos registrados em carteira, de dois tinha certeza que conseguiria excelentes referências.

— Certamente que não faço objeção. — Ela sorriu. — Mas como tive tão pouco tempo no último " emprego creio que talvez eles nem se lembrem de mim.

— Disso eu duvido — elogiou o Sr. Harley —, mas talvez seja melhor contatarmos as empresas que você ficou mais tempo.

Kassia saiu da entrevista com a certeza de que seria aprovada, caso não checassem suas informações na Mulholland.

Uma semana depois percebeu que fora um tanto quanto otimista em acreditar que já estava empregada, pois recebeu uma carta em que o Sr. Harley pedia desculpas e a informava de que a vaga havia sido preenchida por outra candidata.

Fez outra entrevista e mais uma vez acreditou ter se saído muito bem, até que outra carta chegou agradecendo pela sua participação no processo seletivo, porém que a vaga já estava preenchida.

Durante um mês desgastou-se no vaivém de entrevistas, testes de datilografia, de capacidade física e mental, de psicotécnico, sem que obtivesse com todo esse esforço o menor resultado. Suas economias, advindas da indenização magra que recebera da Mulholland, já estavam prestes a se acabar por completo; em breve teria de pedir dinheiro para os pais, que certamente não lhe negariam, mas Kassia não queria fazer isso. Nem sequer lhes havia participado de sua desastrosa saída do último emprego, pois negava-se a preocupá-los com seus problemas pessoais.

Certo dia, porém, ao observar o timbre de uma das cartas que lhe foram enviadas

pelas empresas em que concorrera ao cargo de secretária, notou que abaixo do dele, em letras minúsculas e quase que ilegíveis, estava o logotipo do Grupo Mulholland.

Ora, mas então era isso, como não notara antes? Não era à toa que ninguém a chamara. Todas as empresas em que havia feito testes pertenciam ao Grupo Mulholland. Por que não se apercebera antes de que Lyon Mulholland era dono de quase todas as firmas daquela região de Londres? Em sua estada na Mulholland Incorporated mantivera-se o tempo todo tão atarefada que nem sequer se inteirara desse fato. Nunca teve tempo suficiente para conversar com alguém, a não ser aquela noite imemorável em que saíra com Tony Rawlings, mas ele estava tão saturado do serviço que fizera questão de não tocar no assunto.

De qualquer maneira podia ser uma enorme coincidência e Kassia deitou-se cedo para se sentir mais disposta na manhã seguinte, pois teria outra entrevista. Às onze horas, porém, ainda estava acordada pensando numa forma de descobrir se Lyon Mulholland também era sócio da Heritage Controls, a empresa onde ela se submeteria a uma nova entrevista.

Lembrou-se então de um dia em que ficara trabalhando até mais tarde com o Sr. Harrison e ele lhe dera o número do telefone da residência do Sr. Lyon Mulholland, a fim de que ela o chamasse. A governanta atendera a chamada, e Kassia havia entregue o aparelho ao Sr. Harrison quando a mulher disse que iria chamar o patrão.

Anotou na época o número do telefone em sua agenda para o caso de precisar usá-lo novamente. Saindo apressada da cama, Kassia só tinha uma idéia em mente: ligaria naquele instante mesmo para Lyon Mulholland! Era uma mulher corajosa o bastante para enfrentar desafios desse tipo!

Enquanto discava, refletia se não seria essa mais uma loucura pela qual haveria de se arrepender depois.

— Mulholland — ele atendeu.

— Aqui é Kassia Finn, o senhor deve se lembrar de mim.

— O que você quer? — ele perguntou secamente, dando a entender que ainda se lembrava do enorme prejuízo que ela lhe causara.

— Eu tenho uma entrevista amanhã na Heritage Controls — comunicou, mas, antes que pudesse perguntar-lhe se ele também era sócio dessa firma, Lyon adiantou-se:

— Se eu fosse você não iria. — E bateu o telefone, deixando-a boquiaberta.

CAPÍTULO II

Kassia era uma pessoa determinada por natureza; raras vezes em sua vida deixara de concluir uma tarefa ou um empreendimento, por mais obstáculos que encontrasse pela frente.

Não fora essa determinação, porém, que a impelira na manhã seguinte a não dar o

caso por encerrado: agora já era mais uma questão de teimosia do que de determinação.

A entrevista estava marcada e nada no mundo a impediria de comparecer, mesmo sabendo tratar-se de mais uma coligada do Grupo Mulholland, conforme pôde constatar na noite anterior.

Vestida o mais elegante possível, apresentou-se à hora marcada na recepção do Heritage Controls, onde foi gentilmente informada que a entrevista estava cancelada.

— Cancelada? — ela perguntou à recepcionista.

— O Sr. Neville pede para eu lhe apresentar suas desculpas, mas o cargo foi preenchido internamente.

— Espero que o Sr. Neville restabeleça logo a saúde — interveio Kassia não conseguindo disfarçar sua contrariedade.

— Não entendi, senhorita — interpelou a recepcionista, confusa com a ironia do que ouvira.

Arrependendo-se por ter desabafado sua contrariedade na gentil recepcionista que estava apenas cumprindo um dever, Kassia atenuou seu tom de voz, pondo um fiozinho de sarcasmo em suas palavras:

— Bem, quero dizer, só posso supor que ele esteja doente, já que não se dignou a apanhar o telefone e me ligar desmarcando a entrevista... Talvez ele estivesse fraco o bastante para não agüentar fazê-lo, não é mesmo? Espero que se restabeleça em breve de sua fraqueza... Preparava-se para se retirar quando, justamente nessa hora, dois homens chegaram à recepção. Imediatamente reconheceu um deles, o que a fez corar de raiva. Esquecendo-se da recepcionista, Kassia se postou à frente de Lyon Mulholland.

Sentindo-se diminuída diante daquele homem que a fitava com tamanha superioridade, maldisse a hora em que conhecera esse abominável Todo-Poderoso, que, pelo visto, se julgava um deus.

Ele, então, viera pessoalmente prevenir o Sr. Neville que não a entrevistasse! Por que dava tanta importância a uma mera secretária? Por que tamanha implicância? Não teria bastado um simples telefonema? Talvez ele experimentasse pela primeira vez em sua vida a sensação de ser desafiado e essa era a razão de sua teimosia. Como uma ex-funcionária sua, uma pessoa comum, sem a menor influência social, uma simples interiorana que viera tentar a vida numa cidade grande, desafiava o homem mais rico e influente de toda aquela região londrina?

Sim, era isso que o intrigava, ela bem o sabia, e essa intolerância era patente em seu olhar arrogante que passeava por sua silhueta esbelta, vindo pousar em seus olhos faiscantes de raiva e humilhação.

— Seu cretino! Quem você pensa que é? O papa? — esbravejou Kassia com fúria, sentindo uma vontade imensa de esbofeteá-lo.

Continuando sua conversa com o Sr. Neville, Lyon fingiu ignorar o insulto recebido, e Kassia já ia continuar em seu desabafo quando ele fez sinal a um de seus seguranças para que a tirassem de seu caminho.

O musculoso guarda-costas pegou Kassia pelo braço, conduzindo-a até a porta de

saída, enquanto ela berrava com todo o seu fôlego.

— Seu imbecil, você pode pensar que é Deus, mas ainda vai me pagar por isso, eu juro!

Mas Lyon Mulholland já não se encontrava na recepção e Kassia se deu conta de que estava gritando sozinha. Apenas a recepcionista atônita e o segurança que a enxotava a ouviam. Procurou, então, controlar-se e recuperar pelo menos um pouco de sua calma habitual para poder dizer ao guarda que podia largá-la, pois pretendia ir embora. Já na rua, Kassia andou depressa sem olhar para os lados até chegar em sua casa. Passou o resto do dia sentindo-se humilhada, diminuída e furiosa com Lyon Mulholland.

Além de ter ido pessoalmente falar com o Sr. Neville, ele fizera questão de aparecer na recepção na hora exata em que ela chegara! Sem dúvida sua intenção fora deixar evidente que era o responsável por toda essa trama.

À noite, já psicologicamente refeita do constrangimento que enfrentara pela manhã, começou a pensar em Lyon Mulholland. Inexplicavelmente, não era mais a raiva de antes que estava sentindo. Gostaria de falar com ele sem a máscara do constrangimento, conhecer de perto o homem que apesar de severo sabia ser fino até mesmo quando insultado. Seus sentimentos a confundiam e, com muita dificuldade, conseguiu refrear a louca vontade de ligar para ele.

Na manhã seguinte Kassia já estava refeita das estranhas emoções que experimentara na noite anterior. Precisava arrumar um emprego com urgência e assim decidiu não procurar mais como secretária executiva. Teria que se sujeitar a qualquer cargo. Sabia que a firma de engenharia Insull era a mais recente aquisição de Lyon Mulholland e estavam recrutando funcionárias para todas as áreas. Resolveu encarar o desafio e escreveu-lhes uma carta candidatando-se ao cargo.

Para sua surpresa logo a chamaram para uma entrevista. Kassia compareceu, e foi entrevistada para um cargo de datilografa. Ao final da entrevista, a Sra. Timberton lhe participou:

— Você é mais do que qualificada para o cargo como datilografa, sabe disso, não? Kassia esboçou um leve sorriso e nada disse.

— Ficaremos satisfeitos em tê-la em nosso quadro de funcionários, se é que está mesmo decidida a juntar-se a nós.

— Tem certeza de que não há nenhuma restrição quanto a minha admissão, Sra. Timberton?

— Claro que tenho! Por que pergunta isso, Srta. Finn? Kassia achou melhor confessar-lhe logo que estava na lista negra de Mulholland, pois mais cedo ou mais tarde eles viriam a saber, o que sem dúvida acarretaria em mais uma demissão.

— Como mencionei em minha carta, trabalhei na Mulholland por dois meses — começou Kassia, sendo imediatamente interrompida pela Sra. Timberton.

— Sim, claro, aliás, antes de chamá-la, já havia me adiantado e conversado com o diretor de pessoal da Mulholland a seu respeito. Você deve ter feito um bom trabalho lá,



apesar de ter ficado tão pouco, pois ele me disse que o próprio Lyon Mulholland a recomendava da melhor forma possível.

— Da melhor forma possível? Lyon Mulholland? — Kassia engasgou quase perdendo a voz. — A senhora tem certeza de que ouviu bem?

— Uma de minhas qualidades é ouvir bem, Srta. Finn — retrucou a jovem senhora um tanto quanto zangada. — Bem, pelo que me consta, você não está trabalhando atualmente, não é mesmo, Srta. Finn?

Confusa, Kassia deixou a Insull Engenharia sem ter se conscientizado plenamente de que aceitara o emprego de datilografa e que deveria começar na manhã seguinte.

Estava ainda em dúvida se deveria realmente ir ou não quando chegou em seu apartamento. Em sua memória ainda revivia cada detalhe da cena em que insultara Lyon Mulholland. Como esquecer que o chamara de imbecil?

Essa palavra atormentava-lhe a mente. Por alguma razão Lyon havia voltado atrás em sua decisão de que ela não seria contratada por nenhuma empresa de seu conglomerado. Por que cargas d'água agora teria mudado de idéia, decidindo que não só ela poderia trabalhar sob a égide da Mulholland, como também deveria obter as melhores referências de seu departamento pessoal?

Enquanto jantava, Kassia martelava sua mente com essa questão que tanto a intrigava: por que ele teria mudado de idéia tão rapidamente? Decerto teria descoberto que não fora paga pela Comberton para lhes enviar a proposta. Sim, só podia ter sido isso, era óbvio, pois não haveria outro motivo que justificasse essa sua mudança de atitude. Claro! Pois, se ela estava procurando outro emprego, como poderia estar trabalhando para a Comberton?

Por volta das nove horas da noite, Kassia não havia se decidido ainda se começaria como datilografa na Insull Engenharia ou não. Agora que tinha boas referências não havia mais razão para se sujeitar a exercer uma função inferior a sua capacidade. Era preciso, porém, certificar-se de que não teria havido algum engano, ou se Lyon agira assim somente para vê-la rebaixada de posto.

Havia somente uma maneira de tirar a dúvida: ligaria para ele!

Antes que mudasse de idéia resolveu discar, desejando porém que a governanta atendesse e dissesse que Lyon Mulholland não estava em casa. Mas Kassia logo reconheceu a voz que atendia do outro lado da linha. Por que sentia-se vacilar justo agora que deveria se mostrar firme e categórica?

— Boa noite, Sr. Mulholland — cumprimentou seriamente, tentando disfarçar ao máximo sua hesitação. — Aqui é Kassia Finn quem está falando.

Fez-se porém um instante de silêncio, e Kassia ficou confusa, tendo em seguida a impressão de que seu coração saíra pela boca, ao ouvir a resposta do outro lado do aparelho.

— Já havia me esquecido de sua voz — ele disse, por fim.

— Não há necessidade de ser sarcástico, Sr. Mulholland — ela retrucou. — Tive outra entrevista hoje na Insull Engenharia. — E, percebendo que Lyon não se



pronunciava, inquiriu: — O senhor ainda está me ouvindo?

— Vamos, fale! — replicou ele com uma pontinha de sarcasmo, fazendo-a se arrepender por ter lhe ligado.

Considerando porém que Lyon ainda não havia desligado o telefone, era certo que ele já não mais a considerava uma traidora.

— O senhor está disposto a me ouvir? — ela o pressionou.

— Continue, estou ouvindo.

— O que fez o senhor mudar de idéia a meu respeito? — perguntou de chofre para não gaguejar, constrangendo-se porém com o silêncio que se seguiu a sua pergunta.

— Bem, vamos direto ao assunto. Como você demonstrou que de fato precisa trabalhar, resolvi verificar até que ponto havia jogado limpo conosco.

— O senhor contatou a Comberton? — balbuciou Kassia timidamente.

— Contatei Gordon Harrison.

— O senhor o contatou? O senhor... não o aborreceu, não foi?

— Acalme-se, Srta. Finn — Lyon Mulholland advertiu, e continuou tentando despreocupá-la: — Posso lhe assegurar que, tanto quanto me chamo Lyon Mulholland, ele não faz a menor idéia de como aquela proposta nunca chegou a seu destino. Embora ele pareça já ter reagido bem a sua doença, achei melhor não provocar-lhe uma recaída.

— E como descobriu que... — Kassia deteve-se de imediato; não poderia em hipótese alguma acusar o pobre Sr. Harrison, que já carregava um fardo tão pesado.

— Como foi que descobri que foi ele, e não você, o responsável pelo envio errôneo da proposta naquela sexta-feira? Não era isso que ia perguntar? Ainda não descobri, e ainda há uma pontinha de dúvida em minha mente.

— Mas então por que...

— Gordon Harrison revelou uma ou duas coisas durante minha visita que me fizeram observar essa situação sob um outro ângulo.

— Oh... — Kassia murmurou baixinho.

— Enquanto lhe relatava um ou outro assunto secundário sobre o serviço, também mencionei que a senhorita não está mais conosco.

— O senhor contou a ele que me demitiu? — Kassia interrompeu num tom frio e indiferente.

— Não! Não achei polido mencionar qualquer assunto que de alguma forma pudesse prejudicar a recuperação lenta que ele vem sofrendo. O que me intrigou porém foi a chateação de Harrison ao pensar em voltar ao trabalho sem a senhorita para secretariá-lo.

— Então ele deu boas referências de mim?

— Oh, sim. Com um certo entusiasmo, inclusive. Segundo ele você sempre o ajudou incansavelmente sem nunca se queixar. Garantiu que você foi seu braço direito na execução daquela proposta, tendo feito horas extras desde o primeiro dia que começou a trabalhar com ele.

— Verdade que o Sr. Harrison disse isso?



— Ele me contou que você tinha trabalhado tanto que, sabendo que iria viajar naquele fim de semana, e vendo que o projeto estava terminado, a dispensou mais cedo.

— Ah... — Kassia suspirou. — Então o senhor chegou à conclusão de que há uma grande possibilidade de ter sido ele e não eu quem envelopou a proposta, não é isso?

— Mais ou menos... Mas àquela altura ele já se mostrava meio cansado. Achei mais prudente deixá-lo descansar em vez de obrigá-lo a puxar pela memória e fazê-lo ter pesadelos depois.

Kassia ficou boquiaberta de surpresa ao constatar que um homem tão frio como Lyon Mulholland pudesse mostrar alguma consideração com um de seus funcionários.

— Bem, de qualquer forma, já que eu não havia hesitado em lhe telefonar antes, para falar a respeito do emprego na Heritage Controls, achei melhor ligar-lhe desta vez também para lhe agradecer as boas referências, já que devo começar amanhã na Insull Engenharia, isto é, se... se caso eu não mudar de idéia.

Curiosamente, quando percebeu que tanto de sua parte quanto da dele o assunto havia se esgotado, Kassia se pegou relutando em desligar o telefone. Na verdade Lyon também hesitava em dar a conversa por encerrada. Era como se ambos tivessem ainda algo a dizer.

— Bem... então... já que é assim... não se esqueça de me dar um alô quando for promovida — falou ele por fim, tomando a iniciativa de encerrar a conversa.

Kassia desligou o aparelho um pouco incerta com relação ao que sentia. Estava atormentada demais para que conseguisse definir seus sentimentos. Talvez ainda estivesse estranhando esse novo ângulo em que se apresentava Lyon Mulholland: um homem sensível e terno. Até então só tivera oportunidade de deparar-se com o Lyon provocador e dono da verdade.

Esse estranho sentimento acompanhou-a por todo aquele fim de noite e na manhã seguinte ainda insistia em perturbar-lhe a mente.

Via-se agora obrigada a aceitar o cargo de datilografa na Insull Engenharia. Seria desagradável negar-se a fazê-lo depois de ter falado com Lyon Mulholland a respeito. Era como se deixasse de cumprir com a palavra, caso desistisse agora.

Não foi difícil para Kassia se adaptar às novas circunstâncias, apesar de remoer-se a cada instante que aquela função não estava de acordo com sua capacidade profissional. Talvez tenha sido por essa razão que nos primeiros dias de trabalho sentiu-se como um autômato executando uma tarefa inconsciente e irrefletida.

Como sua atividade não requeria raciocínio tampouco concentração, enquanto trabalhava perdia-se em pensamentos e se evadia daquela realidade difícil de ser aceita. Havia uma pessoa porém que lhe vinha à mente de forma constante: Lyon Mulholland. Não conseguia desviar a atenção da última conversa que tivera com ele, suas palavras ainda ecoavam em seus ouvidos como se tivesse acabado de desligar o telefone. Sua última frase: "Não se esqueça de me avisar quando for promovida", tinha sido deliberadamente sarcástica, não restava dúvida. Contudo Lyon mostrava-se sensível com relação ao estado de saúde do Sr. Harrison e fora bastante gentil da parte dele ir

pessoalmente apurar os fatos concernentes a seu desligamento da empresa.

Kassia voltou para seu apartamento naquela noite intrigada com o fato de Lyon Mulholland ainda ter dúvidas sobre ela. O que mais a intrigava, porém, era a pouca probabilidade de seus caminhos se cruzarem novamente e que ele jamais viesse a confirmar sua inocência.

Durante a semana recebeu inúmeras chamadas de empresas em que havia se candidatado anteriormente, mas esquivou-se de todas, lamentando-se por ter aceitado o emprego na Insull Engenharia.

Mas ao final de uma semana já não estava mais suportando a idéia de continuar sendo datilografa, e sabia que tal situação seria insustentável por muito mais tempo.

Na verdade toda sua vida estava insípida. Há muito não sentia vontade de sair com Emma, sua melhor amiga, tampouco conseguia aceitar os convites que recebia dos rapazes para um cinema ou mesmo para um bate-papo: achava-os imaturos e sem atrativos. Não mais sentia prazer nas coisas que fazia antes, irritava-se agora a ir trabalhar e voltar para casa onde, em meio a seus afazeres domésticos, perdia-se em devaneios até a hora de dormir.

Quando mais uma semana tediosa se findou Kassia decidiu que já era tempo de fazer uma visitinha a sua velha casa em Herefordshire. Seus pais eram as criaturas mais adoráveis do mundo e, apesar de não terem feito a menor objeção quando ela manifestara seu desejo de ir morar sozinha em Londres, bem sabia o quanto eles a amavam e o quanto era bem-vinda quando voltava para visitá-los.

— Estávamos esperando por você — Paula e Roberto Finn exclamaram em uníssono quando viram a filha.

— Vim direto do escritório — Kassia apressou-se a dizer enquanto abraçava seus pais com o coração cheio de saudade. ~ Como vê, ainda estou fantasiada de secretária.

— Você está linda, minha filha! — notou o Sr. Roberto, enquanto carregava a mala de Kassia para dentro.

O casal Finn morava numa pequena casa um pouco afastada das demais. Apesar de simples era bastante confortável.

Uma vez que se falavam por telefone todas as semanas, restavam bem poucas novidades a serem contadas. A mãe de Kassia, porém, não se conformara muito com a última conversa que haviam tido, em que a filha não deixara muito claro o motivo que a fizera deixar a Mulholland Incorporated. E tão logo terminaram o jantar o assunto veio à tona!

— Nós não a víamos desde que você perdeu seu emprego na Mulholland Incorporated. Afinal, o que aconteceu de fato que a fez sair da empresa?

— Já lhe falei sobre isso, mamãe, tenho certeza que sim — Kassia garantiu. Por nada neste mundo queria preocupar seus pais, e para tanto, quando lhes falara ao telefone a esse respeito, vestira a realidade com uma roupagem mais leve, disfarçando o seu orgulho ferido e a sua revolta.

— Você disse que não estava mais trabalhando para o Sr. Harrison porque ele



estava com estresse e havia tirado uma licença médica. — Paula, para mal dos pecados, possuía uma memória prodigiosa. — Mas, na opinião de seu pai, esse afastamento do Sr. Harrison está parecendo mais uma desculpa esfarrapada para te darem o cartão azul. Ora, uma vez que ele tenha se ausentado, alguém deve ter assumido o departamento, não? Então! Nesse caso, você poderia muito bem ter ficado lá e continuado secretariando esse novo diretor. Você concorda, filha? Afinal, sempre foi tão eficiente no trabalho...

Aproveitando a deixa, Kassia desviou o rumo da conversa:

— Vocês fazem questão de pintar de cor-de-rosa a realidade quando se trata da minha profissão de secretária, baseando-se somente no trabalho que desempenhei com o Sr. Evans em Hereford — protestou Kassia referindo-se ao primeiro emprego que tivera em sua vida. — Já cansei de lhes falar que a única razão de o Sr. Evans me elogiar tanto sempre que os encontra foi porque ele deu azar em me substituir por uma péssima secretária.

— Modéstia sua, filha — elogiou o pai.

— Vocês me adoram... — Kassia caçoou com um sorriso zombeteiro. Seu sorriso logo se dissipou, porém, quando notou que sua mãe não se deixara iludir por sua conversa.

— Você está querendo dizer com isso que a Mulholland Incorporated te mandou embora por te achar ineficiente?

A pergunta foi feita de forma tão categórica que Kassia previu ser impossível sustentar a mentira por mais tempo.

— Não, mamãe! Não foi isso o que eu quis dizer — atenuou Kassia, tentando medir as palavras para não magoar os pais. — Não quis preocupá-los na época, mas tive uma pequena discussão com o dono da empresa, o Sr. Lyon Mulholland, e...

— Uma pequena discussão? Com o dono da empresa?

— Nossa filha nunca foi de meias palavras, Paula.

— Você não perdeu a cabeça, não é mesmo, filha? — E, percebendo que Kassia demorava-se a responder, insistiu: — Você perdeu a cabeça?

— Só um pouco, mamãe — Kassia volveu um tanto quanto receosa da reação da mãe, uma vez que sempre se orgulhavam da educação esmerada que haviam transmitido a ela.

— E quanto é esse seu "só um pouco"? — replicou a mãe.

— Eu disse a ele para... fazer bom proveito do emprego.

— *Kassia!* — exclamou sua mãe atônita.

— É isso que você chama de uma pequena discussão? Puxa! Então quer dizer que quando a discussão é grande você sai no tapa com seu adversário? — ralhou seu pai, mais achando graça do que contrariado.

— Bom, mas isso foi quando ele me participou que eu estava demitida!

— O quê? Você... demitida?! Mas como? Isso nunca aconteceu antes na sua vida... Como ele pôde fazer uma coisa dessas? — Paula estava muito aflita.

Kassia lhes descreveu em breves palavras todo o incidente ocorrido entre ela e

Lyon Mulholland. Apesar de a mãe achar um atrevimento por parte dela insultar o homem que um dia a contratara, por outro lado achara o cúmulo ele ter demitido sua filha, já que ela sempre se mostrara muito eficiente no trabalho. Mas Paula Finn gostou mesmo quando ficou sabendo que Kassia, em um dado momento, perguntara a Lyon Mulholland -quem ele pensava que era. Para a zelosa senhora, demitir a menina antes de apurar os fatos fora uma atitude inconcebível e somente uma pessoa arrogante e prepotente agiria de tal maneira. Nesse caso, era bem-feito para ele que tivesse ouvido umas verdades por parte de alguém.

De súbito Kassia se sentiu constrangida por estar falando mal de Lyon Mulholland. Na verdade já não sentia raiva dele e não achou adequado estar transmitindo a seus pais uma falsa imagem daquele homem que mesmo desconfiado a ajudara e de alguma forma se preocupara com ela. Não conseguindo frear o impulso de defendê-lo, pronunciou timidamente:

— Bem, mas na verdade, mamãe, ele não é o monstro que parece ser...

— Oh, não? Como assim, filha? — inquiriu Paula Finn, estupefata.

— No fundo ele é uma boa pessoa... — argumentou Kassia sem dar conta de que o estava defendendo. — Ele acumula tanta responsabilidade... e ainda consegue demonstrar consideração por seus funcionários. Pois imaginem que ele mesmo, em pessoa, foi visitar o Sr. Harrison no hospital!

— E como foi que você ficou sabendo que ele foi pessoalmente visitar o Sr. Harrison? — perguntou seu pai.

— Ele me disse.

— O quê? Ele lhe disse? Você falou com seu chefe depois da demissão?

— Sim, falei, sim. Liguei para ele.

— Você ligou para ele? Não posso acreditar! — desabafou a mãe.

— Precisava lhe agradecer pelas excelentes referências que deu sobre mim quando me candidatei na Insull Engenharia.

— Ele fez isso? — indagaram os dois atônitos.

— Sim, queridos, ele fez isso.

— Pobre homem... e nós dois aqui, Roberto, falando mal dele...

— Pobre? É um dos homens mais ricos de Londres, mamãe.

— Ora, é força de expressão. Provavelmente ele a convida para trabalhar em sua empresa novamente.

— É... bem... — pigarreou Kassia encabulada. — O local onde trabalho também pertence a ele.

A conversa entre Kassia e os pais continuou por mais algum tempo. Quando ela foi deitar-se sentia-se tranqüila como há vários dias não conseguia fazê-lo. O fato de ter desabafado com seus pais tirou-lhe um certo peso da consciência.

Apenas um fato a intrigava: por que de repente resolvera defender Lyon Mulholland? Por que falava dele com carinho se nem sequer confiara nela plenamente? Acaso esquecera que Lyon insinuara ainda ter dúvidas a seu respeito?

Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

Kassia dormiu com esses pensamentos na mente. Quando acordou, foi tomar o café da manhã com os pais, certa de que os dois voltariam ao assunto da noite anterior. Mas isso não aconteceu. O assunto discutido foi as bodas de prata do casal, que se realizaria em poucos meses. A festa que pretendiam fazer seria inesquecível.

— Quantas pessoas vocês pensam em convidar?

— É surpresa — Roberto brincou lançando um olhar traquinas para a esposa.

— Sempre exagerando, não, querido? Kassia, seu pai é bem capaz de convidar a cidade toda para nossa festa. Do jeito que ele é... Olha, Roberto, se você pretende mesmo fazer isso, acho bom me avisar de antemão para que eu me prepare a tempo...

— Posso livrá-la de toda essa ansiedade, querida.

— Como?

— Cancelando a festa. Podíamos celebrar nossas bodas fazendo uma viagem de lua-de-mel em algum país estrangeiro. Não seria ótimo uma segunda lua-de-mel?

— Oh, Roberto! Como eu desejei ouvir isso! Tem certeza de que preferiria essa viagem?

— Claro que sim.

— Mas é maravilhoso! Acho que eu gostaria de conhecer... bem, deixe-me ver...

— Então, sente-se aqui a meu lado e vamos combinar...

Kassia sorriu e saiu de mansinho, deixando-os a sós com seus planos de viagem. Pegou o carro e foi visitar os avós, que por coincidência haviam completado bodas de ouro no ano anterior.

Após a visita aos avós, Kassia voltou para a casa dos pais e o fim de semana transcorreu com muita tranquilidade.

De volta a Londres, no domingo à noite, Kassia sentia-se revigorada, pronta para mais uma semana de trabalho.

Na segunda-feira pela manhã, lembrando o jeito descontraído de seus pais e o delicioso fim de semana que haviam passado juntos, Kassia sequer se perturbou com o caótico trânsito londrino enquanto dirigia até o trabalho. Ao final da tarde, porém, sua vida já havia retomado o ritmo monótono e enfadonho de antes.

Os dias se arrastavam enquanto executava seu serviço e a cada segundo reforçava-lhe a convicção de que seria impossível manter-se por mais tempo como datilógrafa. Sentia-se deslocada nessa função, apesar de sabê-la muito importante.

Na segunda-feira seguinte acordou decidida a pedir demissão. Antes porém que conseguisse falar com a Sra. Timberton para participá-la de sua decisão foi chamada à sala do Sr. Denham. Sabia que ele era o diretor administrativo, porém nunca o tinha visto pessoalmente e não fazia a menor idéia do que ele pudesse querer com ela. Dirigiu-se a sua sala com um certo receio. Não era possível que tivesse cometido alguma falha e, se fosse o caso, não caberia ao diretor administrativo chamar-lhe a atenção, mas sim à Sra. Timberton, sua chefe imediata. "A menos que seja algo tão grave quanto da outra vez", Kassia pensou sentindo um calafrio percorrer-lhe o corpo, enquanto atravessava o extenso corredor que separava a sala das datilógrafas da diretoria.

De repente Kassia sentiu uma vontade imensa de fugir, deixar uma carta de demissão em sua mesa e sair correndo. Não queria enfrentar outra situação constrangedora como da última vez em que adentrara numa sala de diretoria. Essa atitude porém não condizia com a de uma pessoa adulta, determinada e madura como ela. Fosse o que fosse, era preciso enfrentar a realidade por mais rude que lhe parecesse.

A recepcionista do Sr. Denham a encaminhou até a sala do diretor que assim que a viu pediu que se sentasse.

— Como você deve saber — comunicou o Sr. Denham tão logo Kassia se instalou numa confortável cadeira —, nossa empresa está sofrendo uma profunda modernização.

— Sim, senhor, eu já sabia disso — comentou Kassia um tanto quanto constrangida.

— E é com muita satisfação que estamos agora aptos a pôr em funcionamento um sistema moderníssimo de computadores.

Pelo que Kassia pôde entender tais palavras significavam que um *pool* de datilógrafas teria se tornado um departamento obsoleto e seria substituído por um sistema de processadores de textos computadorizados.

— A senhora não gostaria de deixar essa função de datilografa, Srta. Finn?

"Talvez seja essa uma forma educada de me dizer que não há mais lugar para mim na empresa", pensou Kassia. Mas não estava tão aborrecida. Afinal, estava mesmo disposta a deixar o cargo que ocupava.

Concluindo que não deveria faltar com a educação perante aquele homem que lhe mostrara tanta consideração, sorriu melancólica e declarou:

— Não, Sr. Denham, eu não gostaria, mas...

— Bem,, a senhorita tem desempenhado sua função de maneira muito eficiente. O Sr. Lyon Mulholland em pessoa nos deu tão boas referências da sua capacidade profissional que achamos um desperdício a senhorita estar exercendo a função de datilografa desde que se juntou a nós... E é por essa razão que, caso seja do seu agrado, naturalmente, estamos dispostos a transferir a senhorita de departamento.

— Transferir? — balbuciou Kassia. — Para qual departamento?

— Minha secretária está sendo deslocada para supervisionar um outro departamento, o que significa que o cargo está em aberto. Certamente ela auxiliará no que for preciso até que a senhorita se familiarize com o serviço.

O pensamento de Kassia voou para bem longe dali e lhe trouxe à tona a última frase que ouvira de Lyon Mulholland: "Não se esqueça de me dar um alô quando for promovida".

— E então? A senhorita aceita a promoção?

— Naturalmente que sim, Sr. Denham, com muito prazer. O senhor não imagina o quanto isso me alegra.

CAPÍTULO III



Kassia iniciou sua nova atividade naquele mesmo dia, juntamente com a assistente que lhe fora designada. Seu primeiro impulso foi ligar para Lyon Mulholland participando-lhe sua promoção. Mas desistiu da idéia, dedicando-se com afinco ao trabalho.

Logo nós primeiros dias de serviço notou que iniciara uma função bem mais interessante do que a anterior; e se não era de todo estimulante pelo menos estava longe de ser monótona.

Para se sentir absolutamente tranqüila, Kassia gostaria apenas de esquecer que um dia conhecera Lyon Mulholland. Ao contrário do que pretendia, entretanto, a imagem dele não lhe saía da mente.

Na quarta-feira à tarde Kassia se deu conta de que estava para cometer uma loucura: morria de vontade de telefonar para Lyon Mulholland. Não era possível mais suportar tamanha ansiedade. Nem sequer conseguia se concentrar no serviço. Ficou feliz quando a noite chegou, pois havia desistido de entrar em contato com ele.

No dia seguinte ficou horrorizada só de pensar o quão próxima estivera de ligar para Lyon e sentiu-se ridícula por isso. À tardezinha, porém, a ansiedade voltou a dominá-la, só, que agora de forma diferente: já não achava tão inviável assim a idéia de lhe dar um retorno sobre sua posição na empresa.

Quando a noite chegou, Kassia já estava convencida de que deveria telefonar a Lyon. Afinal, não teria nada de mais trocar meia dúzia de palavras com ele.

Assim que terminou o jantar resolveu pôr um fim naquele pesadelo. Enquanto discava o número que já sabia de cor, ainda passou por um instante de hesitação, mas não desligou o telefone.

Não estava mais se importando com o que Lyon Mulholland pensasse a seu respeito. Agora já era uma questão de opinião: precisava provar a si própria que não era covarde, que não se deixava incomodar por quem quer que fosse. Haveria de se mostrar tão cínica quanto ele se necessário.

— Mulholland falando! — ele atendeu.

— Alô? Sou eu, Kassia.

O silêncio do outro lado do aparelho fez com que ela se arrependesse de ter ligado. Como fora tola em se preocupar tanto com aquele homem que sequer se lembrava dela.

— Aqui é Kassia Finn — insistiu com a voz trêmula.

— Seja lá o que for que eu tenha feito dessa vez, peço-lhe que me perdoe — desculpou-se Lyon bem-humorado, fazendo com que Kassia soltasse um suspiro de alívio do outro lado da linha.

— Eu... eu fui promovida — murmurou ela.

— Sinto-me feliz por você — Lyon replicou. Kassia daria uma boa parte de tudo que possuía para saber se naquele momento ele estava realmente sendo sincero ou sarcástico.

— O senhor pediu para que eu não me esquecesse de avisá-lo e não quis que pensasse que eu tenho uma péssima memória — anunciou ela rapidamente, despedindo-



se em seguida.

— Kassia recolheu-se aquela noite ouvindo o eco de suas palavras e experimentando uma desagradável sensação de vazio na alma. Esperara tanto por aquele momento, preparara-se tanto, ensaiara tão repetidas vezes o que deveria dizer ou o que deixaria de mencionar... E tudo saíra tão diferente do que planejava...

No dia seguinte Kassia passou o tempo todo cabisbaixa, sentindo-se uma idiota por ter esperado tanto de tão pouco, acreditando que um simples telefonema fosse miraculosamente mudar o rumo de sua vida.

Ao chegar em casa naquela noite teve a sensação de que o chão lhe faltava sob os pés quando deparou com dois imensos ramalhetes de flores à porta de seu apartamento, acompanhados de um cartão com os seguintes dizeres: "Parabéns! L. M."

Conduzindo-se cambaleante para dentro de seu minúsculo apartamento, atrapalhada em meio a tantas flores, ocorreu-lhe se não seria essa mais uma "tiradinha" sarcástica de seu patrão magnata, que talvez encontrasse poucos motivos para se divertir na vida.

Bem, de qualquer forma, via-se na obrigação de agradecer-lhe pelas flores, fosse qual fosse a intenção dele. Pensou em lhe escrever uma breve nota, mas faltavam-lhe as palavras ideais, o que a fez desistir.

Mais uma vez via-se às voltas com aquele torturante dilema: telefonar ou não telefonar? Aquele homem já estava lhe perturbando a paz, apesar de que não era bem ele quem a incomodava, mas a situação em si. Agora era outra a sua dúvida: não seria um tanto estranho ligar apenas para agradecer-lhe as flores? Não iria Lyon pensar que ela estava se oferecendo a ele? E, depois, caso não fosse satisfatório o resultado do telefonema, teria estrutura para suportar a frustração que isso lhe causaria?

Resolveu deixar tal decisão para o dia seguinte, quando pensaria com mais calma sobre o assunto.

Assim que entrou em casa naquele sábado de manhã ao voltar das compras, Kassia deparou com os dois vasos de flores que arrumara na noite anterior. Um tremor percorreu-lhe o corpo.

Depositando as compras no sofá dirigiu-se até o telefone decidida a, mais uma vez, fazer logo a ligação.

Quem atendeu a chamada foi uma voz feminina.

— Alô, aqui é Kassia Finn... O Sr. Mulholland está?

— Infelizmente ele não está no momento. Quer deixar algum recado?

— Oh, não, obrigada. Até logo. — E Kassia desligou o aparelho, já experimentando aquele tão familiar gosto de ter passado por idiota e de novo a sensação de vazio na alma voltou a dominá-la. Sentia um nó na garganta, e uma vontade louca de chorar quase a fez se afundar naquela onda de depressão, não tivesse ela o equilíbrio necessário para combatê-la.

À tardezinha porém ainda remoia a idéia de quem haveria de ser a mulher que atendera ao telefone. Súbito percebeu-se enciumada e lutou consigo mesma para superar



tal sentimento.

Quando a noite chegou, à custa de muita reflexão, conseguira retomar seu equilíbrio. Decidira-se nunca mais telefonar para aquele homem que tanto a perturbava emocionalmente.

Após tomar um banho demorado, vestiu-se com um delicado penhoar que comprara pela manhã e quando pensava no que fazer para o jantar ouviu passos no corredor. Em seguida a campainha de seu apartamento tocou. Julgando que se tratava da amiga Emma, pois era a única pessoa que tinha seu endereço além de seus pais, Kassia abriu a porta de súbito e quase teve um desmaio ao deparar com Lyon Mulholland em pessoa a sua frente.

— Olá, estava passando por acaso aqui em frente e resolvi apanhar pessoalmente o recado que você queria me deixar — disse ele enquanto seu olhar passeava pela figura esbelta de Kassia. — A Srta. Wilson me falou que você havia me ligado.

— Eu, bem... é... entre! — Kassia sentiu que teria que fazer um tremendo esforço para controlar-se, caso contrário Lyon iria pensar que ela não passava de uma interiorana infantil. — Ah, a Srta. Wilson? Ela lhe falou? — perguntou rapidamente, disfarçando assim o seu nervosismo.

Sem a menor cerimônia Lyon adentrou o minúsculo apartamento de Kassia. Assim que ela fechou a porta e se dirigiu até a sala flagrou-o analisando criteriosamente cada detalhe daquele pequenino espaço que ela ornamentara com tanto asseio e elegância.

— A Srta. Wilson é minha governanta — notou ele com espontaneidade. — Estive fora o dia todo tratando de negócios e ela me falou que você havia ligado.

— Oh... — Kassia murmurou, achando graça por ter sentido ciúme da governanta. — Não era nada de importante, apenas liguei para lhe agradecer as flores. — E apontando os vasos notou o quanto suas mãos estavam trêmulas.

— É um prazer — observou ele olhando fixamente não para as flores, mas para o semblante meigo de Kassia.

Súbito Lyon se dirigiu à porta de saída, quando Kassia percebeu que se não agisse rápido ele iria embora, o que iria lhe causar uma enorme frustração.

— Só um momento, por favor — pediu, enquanto se dirigiu até o quarto para trocar de roupa. Que estranha sensação perpassou-lhe a mente! Sentiu vontade de se demorar o máximo possível, pois enquanto se vestia Lyon estaria ali na sala, esperando por ela. Seria indelicado, porém, fazê-lo esperar muito, e em tempo recorde vestiu uma calça jeans e uma elegante camiseta que também acabara de comprar. Quando voltou para a sala, Kassia ofereceu:

— Aceita uma xícara de café?

— Oh, sim! Uma xícara de café. Saiba que isso é o que de melhor você poderia me oferecer agora — retrucou ele com uma voz tão calma e charmosa que Kassia sentiu-se amolecer.

— Sente-se, então, enquanto preparo.

Na cozinha Kassia se apressou, aflita, para acabar logo aquele café e sentar-se à



mesa com ele.

Sentiu-se mais relaxada quando o chamou à mesa para servir-se do café acompanhado de um gracioso jarrinho de leite que fazia conjunto com o açucareiro e com o bule.

— Costuma trabalhar sempre? — perguntou ela enquanto lhe servia o café.

— Ah, sim. Sempre — afirmou Lyon.

— Mesmo aos sábados?

— Desde que não se prive dos momentos de lazer, trabalhar nunca fez mal a ninguém. — E continuou: — Por acaso você já jantou hoje?

— Não — admitiu ela um tanto quanto cautelosa.

— Então o que você acha de jantarmos juntos esta noite?

— Bem, eu... — gaguejou Kassia enquanto seus pensamentos divagavam. Lyon Mulholland morava em Surrey, bem o sabia. Era de se concluir portanto que fora uma desculpa o fato de dizer que passava ali por acaso... O que Lyon estava pretendendo dela? Será que...

— Parece que você está com uma certa dificuldade em chegar a uma decisão — entrecortou Lyon fazendo-a despertar de seus funestos pensamentos.

Acima do incontrolável desejo de ficar ao lado daquele homem, que além de ser um dos mais influentes de Londres era também o mais bonito e atraente que ela já conhecera, Kassia sabia que testava sua dignidade e seus bons princípios, provenientes ambos da excelente educação que recebera. Se Lyon Mulholland acreditava que em troca de um jantar ela iria abrir mão dessa dignidade, o maior legado que recebera de seus pais, se enganara redondamente.

— Não estou à cata de uma aventura, Lyon — escusou-se Kassia, não se importando muito se o magoaria ou não.-

Pela fisionomia dele Kassia pôde notar que essa era a última coisa que Lyon esperaria ouvir naquele instante. Teve vontade de se desculpar por ter sido indelicada, mas achou melhor não fazê-lo, pois não deveria demonstrar fraqueza ou indecisão em suas palavras. Para seu contentamento, entretanto, Lyon mais uma vez demonstrou ter senso de humor:

— Perdoe-me, Kassia, não foi essa minha intenção — sorriu ele tão docemente que a fez sentir-se com remorso. — Só quis ser prático, pois já que até agora não jantamos e uma vez que temos de fazê-lo por que não o fazemos juntos? Não creio que jantar com alguém signifique alguma espécie de comprometimento.

— Bem... — tornou ela com meiguice e, percebendo que em momento algum Lyon perdera o bom humor, concordou: — Então está O.K., nós iremos jantar, mas...

— Mas?

— Só se você me desculpar...

— Desta vez passa... — disse Lyon, fazendo-a rir de contentamento, encabulando em seguida ao se dar conta de que ele pasmara encantado diante do seu sorriso.

— Não levarei mais do que cinco minutos para vestir algo mais apresentável do



que esse jeans!

Sem aparentar o menor sinal de seu nervosismo, Kassia fechou-se no quarto, mas assim que se viu sozinha ficou muito agitada. Em poucos minutos seu quarto ficou totalmente em desordem: jogara sobre a cama todos os trajes que estavam dependurados no cabide de seu guarda-roupa, e parecia que nada lhe ficaria bem naquela noite. Finalmente decidiu-se por uma calça de veludo cotelê preta, uma blusa de seda da mesma cor, que se sobrepunha a uma camiseta que lhe colava ao corpo esguio, e um par de sapatilhas de verniz que completava a harmonia do traje.

Quando já estava pronta, Kassia sentiu que essa não era a roupa ideal. Se tivesse tempo escolheria uma outra mais adequada. E nem sequer pudera se esmerar na maquiagem. Mas qualquer coisa era preferível a deixar Lyon esperando por mais tempo.

— Perfeito! - afirmou ele ao vê-la. Kassia fechou rapidamente a porta do quarto para que ele não deparasse com a bagunça que lá deixara.

— Desculpe-me o atrevimento, mas com esse traje preto você deixa muitas atrizes de cinema para trás.

— Bem, já que é o senhor quem está dizendo, Sr. Mulholland, só o que posso fazer é concordar - brincou Kassia sentindo que sua face corara de vergonha.

— Então, acompanhe o Sr. Mulholland - recomendou ele, conduzindo-a pelo braço.

O restaurante que Lyon escolheu era o mais recomendado de Londres pela qualidade de sua cozinha. Assim que chegaram Kassia logo notou que Lyon recebia um atendimento de cliente Preferencial. Conduzidos pelo *maitre* até uma aconchegante mesa instalada em local um pouco afastado das demais, Kassia experimentou uma certa timidez tão logo se instalaram, achando que deveria dizer alguma coisa para quebrar o silêncio.

— Não esperava vir a um local sofisticado...

— Ora, sinta-se à vontade. Saiba que é com muito prazer que estou aqui com você — ele disse enquanto verificavam o menu.

Sem a menor pressa Kassia estudou cada prato, fingindo não se espantar com os preços exorbitantes, e, com naturalidade, sugeriu:

— Acho que vou experimentar essa couve-flor gratinada a quatro queijos. — E, erguendo o olhar abruptamente, constatou que Lyon a fitava fascinado.

Como que voltando de um deleitável sonho ele lhe sorriu, obrigando-a também a sonhar. Mas Kassia sabia que não podia continuar a se deixar levar por tanto encanto. "Talvez seja melhor reagir enquanto é tempo a todo esse fascínio que a presença deste homem me provoca. Talvez ainda seja tempo de eu não me deixar envolver por esses olhares fortuitos que tentam perscrutar todo o meu ser", ela pensou enquanto Lyon fazia o pedido ao garçom.

— Fale-me sobre você, Kassia — Lyon pediu após alguns instantes de silêncio.

— Não há muito o que dizer — observou ela num tom travesso. — A não ser que não sou uma espiã empresarial. E, por falar nesse assunto, você ainda duvida de mim?

— Poderia dizer que este jantar tem o propósito de descobrir se você é ou não uma espiã... — brincou. — Mas confesso-lhe que não a trouxe aqui para inspecioná-la.



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Bem, pelo que posso concluir, se você ainda tivesse alguma dúvida a esse respeito não estaria jantando comigo agora.

— Não, não estaria, pode ter certeza disso.

— Aquelas flores, as flores que você me enviou ontem, foram uma espécie de pedido de desculpas então? — admoestou Kassia e, notando que essa observação o deixara encabulado, emendou: — Tem visto o Sr. Harrison?

— Que criatura leal você é, Kassia. Como foi nobre e digna sua postura em relação ao Sr. Harrison... — E foi a vez de Kassia ficar encabulada. — Bom, a propósito: estive com o Sr. Gordon Harrison, sim, mas nem toquei no assunto do seu último dia de serviço no escritório. A esposa dele entrou em contato conosco e nos informou que ele estava sofrendo crises de ansiedade acreditando que não mais teria seu emprego de volta quando sarasse.

— E então você foi visitá-lo para tranquilizá-lo?

— Sim, claro, e também para participar-lhe que fizemos algumas alterações e desmembramos seu departamento, mas que seu cargo estará seguro, esperando por ele.

Se por um lado Lyon a achara nobre e digna, por outro era assim que Kassia também o via, uma vez que se dispusera a visitar o homem que trouxera muito prejuízo no momento em que havia envelopado erroneamente uma proposta tão importante.

Silenciaram até que o garçom terminasse de servir-lhes a entrada. Mas Kassia queria ainda lhe fazer outra pergunta:

— Por acaso você comentou com o Sr. Harrison que perderam o contrato com a Comberton?

— Não — replicou Lyon.

— Fico feliz que você não o tenha feito, Lyon. Não sei como ele receberia a notícia de que todo o trabalho que tivemos na elaboração daquela proposta foi em vão.

— O que a faz supor que todo aquele trabalho que vocês tiveram tenha sido em vão?

— Bem... não sei... Talvez todos aqueles cálculos que hoje ocupam lugar no arquivo venham a ser úteis um dia, num futuro próximo ou remoto, quem sabe... Não imagina o quanto senti por vocês terem perdido essa concorrência...

— Isso acontece... Não se preocupe mais com esse assunto.

O jantar foi servido e os dois conversaram sobre amenidades. Aos poucos Kassia foi se descontraindo, e quando o garçom se aproximou para anotar o que queriam para sobremesa ela disse feliz:

— Vou querer torta de framboesa.

Lyon riu da espontaneidade dela.

— Voltando ao início da nossa conversa... conte-me sobre você — ele pediu.

— Não há muito o que contar.

— Você mora sozinha?

— Acha que em meu apartamento há espaço para duas pessoas? — E, pelo jeito com que Lyon a olhava, sentiu que deveria completar a resposta: — Tenho vinte e dois



anos e vim para Londres há um ano.

— Onde você morava antes?

— Em Herefordshire. Morava com meus pais.

— E eles não ficaram tristes quando você resolveu sair de casa?

— Ficaram, sim... Agora eles pensam em viajar um pouco já que estão aposentados.

— Quais são suas pretensões futuras?

— Confesso que logo que me mudei para cá me senti tão só que cheguei a duvidar de meu futuro aqui nesta terra. Estranhei as pessoas, a individualidade intocável de cada um, a maneira fria com que tratam os que vêm de fora. Mas com o passar do tempo consegui fazer alguns poucos amigos.

— E namorado? Você tem um?

— Não, não, Lyon. Não tive tempo de arrumar um namorado — brincou.

— Mas o Sr. Harrison me disse que naquela sexta-feira você saiu mais cedo porque tinha um compromisso...

— Fui para a casa de meus pais.

— Oh, desculpe-me, Kassia.

— Não vejo mal nenhum na sua pergunta. A propósito, antes que você me pergunte já vou logo lhe adiantando: eu nunca estive com nenhum homem em toda minha vida!

Kassia não entendeu por que fizera tal declaração, mas não tinha como voltar atrás.

— Quer dizer então que você é... — gaguejou Lyon, atônito.

— Eh, bem... sim, Lyon, sou virgem sim, se é isso que você quer saber...

— Bem, então pelo que vejo estou diante de um espécime raro para os dias de hoje ~~ brincou Lyon fazendo-a rir com seu senso de humor.

Após o jantar Lyon a levou para casa imaginando que seria convidado para um cafezinho. Kassia, porém, apesar de sentir uma imensa vontade de permanecer com ele mais um pouco, achou melhor não convidá-lo para entrar. Depois que lhe confessara a virgindade, sentia-se muito insegura.

Os dois se despediram na rua e Lyon partiu sem mencionar um novo encontro.

A semana que se seguiu foi muito difícil para Kassia. Por mais que tentasse não conseguia se concentrar em nenhum assunto que não fosse a lembrança de cada palavra, de cada instante do encontro que tivera com Lyon.

Quando o telefone tocou na quinta-feira, Kassia correu para atendê-lo, certa de que ouviria a voz de Lyon. Mas era a mãe contando feliz que iriam comemorar as bodas de prata viajando para a China.

Ao desligar o telefone, Kassia sentiu uma imensa solidão. Precisava parar de pensar em Lyon! Decidiu, então, não mais esperar por algo que provavelmente não aconteceria, e foi desta forma que atendeu o telefone no sábado de manhã, julgando ser novamente sua mãe ávida por contar sobre os preparativos da viagem.

— Estou atrapalhando você? — Era Lyon que fazia a pergunta com um charme todo dele.

Kassia tremeu ao reconhecer-lhe a voz. Sentou-se às pressas com medo de cair, tamanha era a emoção que sentia. Só então respondeu:

— Não, em absoluto. Estou apenas cozinhando um ovo — declarou, arrependendo-se amargamente logo em seguida pela resposta idiota que dera. Esperara tanto por aquele telefonema, pensara tanto no que lhe dizer e quando acontecia só o que lhe viera à mente fora dizer que estava cozinhando um ovo...

— Se você quer ovo quente, o tempo é crucial mesmo — brincou Lyon com seu costumeiro bom humor, — A propósito, estou livre esta noite e, caso você não tenha nada mais importante para fazer, achei que poderíamos...

— Jantar juntos — concluiu ela.

— Sim. Você por acaso tem carro?

— Tenho, tenho sim, por quê? Quer que eu vá encontrá-lo?

— Gostaria de convidá-la para vir jantar comigo aqui em Kingswood e depois, caso queira ficar para dormir...

Kassia sabia que Kingswood era a famosa mansão da família Mulholland. Oh, como seria bom dormir naquela casa, nem que fosse por apenas uma noite... Precisava porém declinar o convite; não poderia dar a Lyon a impressão de que era uma garota fácil.

— Dormir aí? Oh, não, obrigada, Lyon. Não tem problema nenhum se eu voltar tarde...

— Ora, por favor, Kassia. Prometo que não tocarei um dedo sequer em você. Haverá de respeitá-la como o faria a uma velha e querida tia que viesse me fazer companhia. — Bem, neste caso...

CAPÍTULO IV

Um minuto após desligar o telefone Kassia pôs o guarda-roupa abaixo para decidir que roupa vestiria e qual camisola levaria. Nada do que tinha parecia adequado ou elegante. Enquanto se banhava, atinou que não perguntara a que horas deveria chegar. Talvez fosse melhor ligar de novo... Não, não faria isso, decidiu. Chegaria lá por volta das sete da noite.

De repente Kassia perguntou-se se o que sentia por Lyon era paixão. E não soube responder. E o dia inteiro ficou preocupada em entender o sentimento que nutria por aquele homem que entrara em sua vida quando ela menos esperava. E por fim teve de admitir que o amava.

Às sete horas da noite Kassia estacionou seu carro à frente da suntuosa mansão

dos Mulholland. Não era à toa que Lyon a convidara para dormir lá. De seu apartamento no centro da cidade até ali fizera praticamente uma viagem!

Imaginando o quanto haveria de ser agradável tomar o café da manhã ao lado do homem que amava, Kassia caminhou em direção à enorme porta de entrada. Assim que tocou o gracioso sino de metal que fazia as vezes de campainha, uma senhora de estatura baixa veio abrir a porta, olhando com curiosidade para a maleta que Kassia trazia à mão.

— Você deve ser a Srta. Finn — inquiriu amavelmente.

— E a senhora deve ser a Srta. Wilson. Já nos falamos por telefone, não?

— Sim, claro — assegurou a governanta tomando a maleta das mãos de Kassia. — Venha, vou lhe mostrar -seu quarto.

Seguindo a mulher Kassia passou por um imenso hall chegando então até uma escadaria de mármore branco. Onde estaria Lyon? Relutava em perguntar à governanta. Subiram a escada em silêncio e chegaram até a porta do quarto em que Kassia se instalaria.

— O Sr. Mulholland foi dar um passeio, mas estará de volta para o jantar — informou a Srta. Wilson mostrando-lhe o exuberante quarto. — Se precisar de algo é só chamar.

— Acho que não vou precisar de nada, obrigada. A propósito, a que horas é servido o jantar?

— Às oito em ponto.

— Obrigada.

Assim que a governanta saiu, Kassia começou a andar de um lado para o outro, ansiosa.

Faltando quinze minutos para o jantar ela já estava vestida com o deslumbrante vestido vermelho-sangue que trouxera. Ao mirar-se no espelho achou que aquele vestido lhe caíra muito bem, pois a cor contrastava com o ruivo de seus cabelos, deixando-a mais feminina do que nunca.

Ao descer as escadarias parou para contemplar os quadros fixados à parede. Absorveu-se mais em um deles, pintado a óleo, onde se via um senhor austero com ar aristocrático de olhos azuis como o céu, aliás muito parecidos com os de Lyon.

De repente Kassia ouviu passos atrás de si e voltou-se. Era Lyon.

— Como foi seu passeio? — ela perguntou, tentando a duras penas controlar a emoção que sentia ao vê-lo.

— Desculpe-me por não estar aqui quando você chegou.

— Não se preocupe, sua governanta me recebeu muito bem. — E apontando para o quadro quis saber: — Quem é esse senhor? Algum de seus ancestrais?

— Exatamente — respondeu sem olhar para o retrato.

— Ele tem os seus olhos. É seu pai?

— Não, meu avô. Lyon estendeu-lhe a mão para que descessem as escadas. — Quer tomar algo antes do jantar?



— Não, obrigada... — murmurou emocionada com aquele contato suave da mão de Lyon.

— Conseguiu chegar sem problemas?

— Oh, sim. Foi fácil achar o caminho. Ao adentrarem a sala de jantar Kassia deparou com uma mesa tão extensa que bem poderia acomodar no mínimo umas doze pessoas. Para seu agrado porém a governanta havia posto uma mesa à parte para servir-lhes o jantar. "Ainda bem!", ela pensou. "Me sentiria tremendamente desconfortável numa mesa tão grande." Tão logo se instalaram nas confortáveis cadeiras que circundavam a mesa menor, serviram-se da sopa de aspargos preparada com extremo requinte. Nunca em toda sua vida Kassia tivera ocasião de saborear uma sopa servida com tanto esmero numa delicada terrina de porcelana chinesa. A qualidade das louças e dos talheres parecia deixar a sopa mais gostosa ainda.

— Quer dizer que você não tem namorado, *mesmo!*

— Não tenho, Lyon. Já lhe disse isso antes.

— Nunca pensei que você estaria livre para jantar comigo hoje.

— Pois se enganou.

— Vou iniciar uma viagem à Austrália na próxima segunda-feira, então...

— E já organizou os preparativos para a viagem? — Kassia o interrompeu fazendo-o rir com a ingenuidade da pergunta.

— Está quase tudo preparado — ele respondeu. — Só que ainda tenho que tomar algumas providências. Mas me diga, Kassia... Como é que uma garota linda como você pode estar livre num sábado à noite?

— Embora você possa não acreditar, sou uma mulher bastante seletiva.

— É... dá para se notar... — ele zombou. — Às vezes me pergunto se essa atitude vale a pena.

Embora tentasse disfarçar, Lyon estava contente com o que ouvira. Kassia era uma mulher seletiva, mas mesmo assim estava ali com ele.

Cada momento que passava Kassia descobria em Lyon uma razão a mais para amá-lo. A maneira polida e gentil com que tratava a governanta, sua risada franca e sincera, o jeito com que a olhava de soslaio, a atenção especial que dispensava a cada palavra, a cada gesto.... Todo esse conjunto de atitudes eram pequeninas peças que haveriam de compor a mais arrebatadora paixão de sua vida.

Ao final daquele magnífico jantar Lyon havia descoberto uma série de peculiaridades sobre Kassia, e ela, por sua vez, também pudera concluir que possuíam inúmeros gostos parecidos, mas, em contrapartida, discordavam em uma série de pontos de vista.

— Que tal tomarmos o café na sala de visitas? — sugeriu ele.

Enquanto se dirigiam à outra sala, Kassia declarou bastante alegre:

— Este foi o melhor jantar de toda a minha vida desde...

— Desde sábado passado? — brincou Lyon, segurando-lhe a mão.

Kassia hesitou. Não queria mostrar a Lyon como sentia-se frágil. Após inspirar



profundamente, respondeu:

— Não, desde que estive pela última vez na casa de meus pais... Só mesmo sua governanta para ganhar do tempero de minha mãe.

Kassia tentava a todo custo mostrar-se espontânea, lutando para não demonstrar a emoção de ser tocada por aquela mão firme.

A sala de visitas era maior e mais suntuosa ainda que a sala de jantar. Assim que se instalaram em um dos elegantes sofás que a circundavam, a governanta apareceu servindo-lhes o café e se retirando em seguida.

O primeiro pensamento que perpassou a mente de Kassia foi que Lyon tentaria seduzi-la, agora que estavam a sós. Ele porém levantou-se assim que tomou o café e foi se sentar em uma poltrona em frente a ela.

— Você sempre morou nesta casa? — Kassia perguntou suspirando aliviada por Lyon estar a uma certa distância dela.

— Kingswood pertence a nossa família há séculos. E, no afã de saber mais sobre a vida do homem que tanto amava, inquireu:

— Você é filho único, Lyon?

— Tenho duas irmãs — ele respondeu de maneira seca como se o assunto o incomodasse muito.

Pelo que Kassia pôde concluir Lyon não gostava muito de falar sobre sua família. Não queria magoá-lo, mas achava de vital importância saber os detalhes de sua vida. Assim, continuou:

— Sinto muito que você tenha perdido seus pais.

— O que a faz crer nisso? Meu pai e minha mãe gozam da mais perfeita saúde.

— Oh! Desculpe-me, por favor, me desculpe. Achei que pelo fato de a casa ser da família e você estar aqui sozinho... — gaguejou sem jeito.

— Você tem uma imaginação muito fértil, Kassia. Mas preferiria que não me fizesse tantas perguntas — acrescentou ele com rispidez.

Kassia sentiu-se ofendida com a maneira agressiva de Lyon e levantou-se decidida a deixar a sala. Ele a seguiu e, antes que ela abrisse a porta, segurou-a pelo braço.

— Kassia, por favor, não quis ofendê-la.

— Mas ofendeu. Parece que é só o que você sabe fazer na vida. Me solte — esbravejou tentando se safar.

— Por Deus, Kassia, não foi minha intenção ofendê-la. Deixe de ser tão melindrosa.

E no ímpeto de fazê-la entender Lyon a sacudiu. Espantada, Kassia o fitou com horror, enquanto de seus olhos brotaram grossas lágrimas que lhe rolaram pela face rubra. Conscientizando-se do quanto a magoara Lyon a tomou nos braços apertando-a com a força de um naufrago que ora se salva, enquanto murmurava em um tom suplicante:

— Por favor, minha querida, não me leve a mal...

Kassia sentiu-se desfalecer envolta naquele abraço caloroso e, ao notar que com

os lábios Lyon tentava enxugar-lhe as lágrimas, ofereceu-lhe também a boca.

E o beijo foi apaixonado. Instantes depois, Lyon a ergueu nos braços com extrema facilidade e a colocou sobre um largo sofá situado na ala mais escurecida da sala.

Kassia sentia a emoção que todas as mulheres apaixonadas desfrutavam quando envolvidas pelos braços do ser amado. Quantas palavras por dizer, quanta ternura...

Se Kassia tivesse de escolher um momento para que fosse perpetuado, sem dúvida que haveria de escolher o que vivia agora.

À medida que o beijo crescia, o próprio instinto fazia com que os gestos dela ousassem traduzir a volúpia que lhe invadia a alma.

Lyon beijava-lhe os ombros já desnudos. E, com a delicadeza de um pássaro que rodeia seu ninho, roçou-lhe os róseos mamilos e em seguida, não se contendo, os sugou com volúpia.

Súbito, Lyon se deu conta do que estava prestes a fazer. Não, não poderia fazer amor com Kassia. Seria ignóbil de sua parte. Com um movimento brusco afastou-se de Kassia.

— Não, não podemos continuar!

Percebendo o que estava acontecendo, Kassia estendeu-lhe os braços e pediu baixinho:

— Venha, Lyon... Venha... Eu quero ser sua...

— Não, não podemos... Vá se deitar, Kassia — disse ele em tom suave.

Instantes depois ela subia para seu quarto e durante a noite toda não conseguira dormir, chateada pelo que havia acontecido.

Só quando amanheceu foi que Kassia cochilou um pouquinho, acordando logo depois com a governanta oferecendo-lhe uma xícara de chá.

— Se a senhorita quiser, posso servir-lhe o café da manhã completo lá embaixo, no escritório do Sr. Mulholland.

— Não, obrigada, eu...

— Então servirei a senhorita aqui mesmo.

— Eu agradeço muito, mas não tomo café da manhã — Kassia mentiu. Bebeu rapidamente o chá e logo depois foi para o banheiro onde tomou um banho rápido. Enquanto sentia a água tépida a acariciar-lhe o corpo, decidiu que iria embora. Imediatamente. E sem se despedir de Lyon. Sentia-se muito envergonhada para tanto.

Já vestida, após o banho, Kassia pegou sua mala e saiu apressada.

Já estava abrindo a porta do carro quando Lyon surgiu atrás de si.

— Vai embora assim, sem se despedir de mim?

— Até logo, obrigada pelo jantar — respondeu ela secamente, entrando no carro.

— Kassia, pelo jeito magoei você de verdade... Mas não tive a intenção de magoá-la ontem à noite. Apenas percebi que nosso momento ainda não tinha chegado.

— Não estou entendendo o que você está querendo dizer, Lyon.

— O que aconteceu não deveria ter acontecido... Só isso...

— Garanto que você nunca imaginou que iria me desejar daquele jeito!

Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Não tinha intenção de seduzir você quando a convidei para dormir aqui.

— Tinha certeza que não...

— Mas você correspondeu aos meus carinhos de uma forma tão intensa que fiquei um tanto surpreso.

— Eu também... Nunca havia me comportado assim antes.

A vontade de Kassia era dizer-lhe que o amava com toda a intensidade de seu ser. Mas faltou-lhe coragem para tanto.

— Preciso ir embora, Lyon.

— Tudo bem, respeito sua decisão... Se você quer mesmo ir... Não posso fazer nada. Mesmo assim foi muito agradável estar com você ontem à noite.

— De novo, obrigada pelo jantar, Lyon

— Obrigado a você pela companhia, meu amor.

Uma semana depois essas palavras ainda faziam Kassia flutuar cada vez que se lembrava delas. "Meu amor..."

No meio da outra semana Kassia recebeu um cartão-postal da Austrália que a deixou profundamente feliz.

Nele estava escrito: "Jantaremos juntos quando eu voltar. Beijos, Lyon"

CAPÍTULO V

Kassia se culpava por não ter perguntado a Lyon quanto tempo ele iria ficar na Austrália. O fato de ele ter lhe mandado o cartão-postal e tê-la chamado de "meu amor" na última vez que o vira a fazia sonhar acordada.

Kassia percebeu que a melhor maneira de se esquecer um pouco de Lyon era se dedicar com afinco ao trabalho. Durante os dias úteis, essa tática funcionava, mas nos fins de semana... Recusava todos os convites para sair e nem na casa dos pais tinha vontade de ir. Ficava sozinha pensando em Lyon.

Quando já fazia quatro semanas que ele partira, Kassia pegou seu carro e foi dar uma volta até o bairro onde se situava a mansão de Lyon. Parou em frente da imponente construção e ficou relembando os bons momentos que passara nos braços dele. Mas, como não queria que a governanta a visse, logo foi embora.

Mais duas semanas se passaram e a saudade que Kassia sentia de Lyon se tornava insuportável. De novo aventurou-se em ir até a mansão dele.

No momento exato em que passava diante da casa, Kassia levou um grande susto, e pisou no freio abruptamente. O carro de Lyon estava fora da garagem! Então ele havia chegado! Ou não? Ansiosa, refletiu que deveria voltar a seu apartamento e esperar até que ele se comunicasse, mas quando deu por si já estava descendo do carro, encaminhando-se para a porta de entrada da mansão. Kassia só percebeu o que fazia quando ouviu o badalar do sino que ela mesma tocara.

Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

Foi Lyon quem abriu a porta, mostrando-se surpreso ao vê-la ali.

— Eu estava passando por aqui e... — mentiu, mas logo percebeu que ele não parecia satisfeito em vê-la. — Você acaba de voltar?

— Eu geralmente levo uma semana para me recuperar de minhas viagens — respondeu ele, um tanto ríspido.

— Então voltou há uma semana? — balbuciou ela, estupefata por saber que Lyon já estava há uma semana em Londres e nem se dignara a avisá-la.

— Estou no telefone com uma pessoa da Nova Zelândia... Estamos resolvendo um assunto muito sério... e... — Lyon não fez menção de convidá-la a entrar. Kassia então o encarou e disse:

— Não quero atrapalhar. Adeus, Lyon.

Voltando às pressas para o carro, ela parecia estar vivendo um enorme pesadelo. Como pôde imaginar que Lyon gostasse um pouco dela? Como pôde ser tão ingênua? Mais uma vez se oferecera a ele e fora recusada. Ele estava há uma semana em Londres e nem lhe dera um telefonema. Sem dúvida nem se lembrava mais de sua existência.

Kassia passou todo o fim de semana deitada em sua cama chorando e se lamentando por amar tanto um homem que não a merecia.

A segunda-feira chegou e Kassia acreditava com todas as suas forças que trabalhando iria se sentir bem melhor emocionalmente. Não adiantava mais ficar chorando por Lyon.

Logo que chegou ao escritório, Sam Ottaway, um executivo da empresa, entrou em sua sala e lhe disse brincando:

— Bom dia, Kassia. Como foi seu final de semana? O meu foi chatíssimo sem você para alegrá-lo. Nem sei como sobrevivi a ele.

— Nem eu tampouco, Sam; nem sei como sobrevivi... — ela suspirou languidamente.

— Que tal então irmos a uma festa no próximo?

— Obrigada, Sam, mas não vai dar...

Já na segunda-feira à noite Kassia teve de admitir que o trabalho não a estava ajudando a esquecer Lyon. Na sexta-feira a angústia dela era tanta que viu o amor que sentia por Lyon transformar-se em raiva. Com toda a certeza ele conhecera outra mulher durante a viagem para a Austrália!

Outro final de semana se arrastou sem que Kassia tivesse ânimo para fazer o que quer que fosse. Na segunda-feira, Sam foi novamente a sua sala.

— Você deveria ter ido comigo à festa que fui sábado na casa de uns amigos. Estava ótima.

— Você tem razão, talvez devesse mesmo ter ido. Meu fim de semana foi um tédio só!

— Por isso não, Kassia. Sábado que vem terá outra.

— Vou checar minha agenda! —ela brincou.

— Sabe o que eu acho, colega? Que você deve estar gostando de ficar curtindo o



seu tédiozinho nos fins de semana. Sei que não vai à festa comigo.

E foi o que aconteceu. Kassia não se sentiu animada para ir com Sam à festa. Não poderia suportar qualquer companhia. Só o que queria era estar nos braços de Lyon.

Quando voltou ao trabalho na segunda-feira encontrou novidades, O Sr. Denham a participou de que era obrigado a desligá-la da Insull Engenharia para que ela voltasse a secretariar o Sr. Harrison na Mulholland Incorporated.

— Mas e se eu não aceitar? — inquiriu ela, sabendo que provavelmente iria encontrar com Lyon Mulholland por lá.

— É uma ordem superior, Srta. Finn. Não podemos questioná-la. O Sr. Harrison reassumirá suas atividades amanhã cedo e a direção da empresa achou melhor que ele reassumisse suas atividades ao lado de sua secretária predileta, que infelizmente é a senhorita. Eu também sinto muito, não queria perdê-la. Mas a senhorita não ficará livre de mim tão cedo — brincou ele sorrindo. — Até que consigamos alguém à altura de substituí-la a senhorita deverá trabalhar apenas dois dias por semana na Mulholland Incorporated. Os outros dias a senhorita ficará comigo.

Kassia achava engraçado o Sr. Denham chamá-la de senhorita o tempo todo. Nunca conseguia ser informal. Aprendera a gostar dele. Apesar de sempre sorrir-lhe quando era chamada de senhorita, desta vez estava difícil esconder-lhe o nervosismo.

Apesar de ter se afeiçoado muito a seu novo chefe, Kassia não podia negar que sentia um carinho especial pelo Sr. Harrison. E não seria de todo ruim voltar para a Mulholland, exceto pelo inconveniente de encontrar-se com Lyon por lá. Mas talvez isso demorasse para acontecer. Afinal permaneceria na Mulholland apenas dois dias por semana.

Naquela noite, Kassia não conseguia dormir pensando se Lyon saberia de sua transferência.

Na manhã seguinte levantou-se bem cedo e se arrumou o mais que pôde para voltar à Mulholland Incorporated.

Logo na porta do edifício encontrou-se com Tony Rawlings, o rapaz com que havia jantado uma noite quando ainda trabalhava com o Sr. Harrison.

— Como você pôde ir embora sem ao menos se despedir dos amigos? — inquiriu ele.

— Não pensei que você se importasse com isso...

— Só te perdoarei se jantar comigo amanhã.

— Amanhã não dá, sinto muito, Tony. Quem sabe um outro dia.

— Vou cobrá-la por isso, Kassia — prometeu ele. Assim que entrou em sua antiga sala o Sr. Harrison a abraçou calorosamente.

— Kassia, minha querida! Então você aceitou voltar? Disseram-me que estava se saindo muito bem na Insull.

— É uma enorme satisfação estar aqui novamente, Sr. Harrison. E fico muito feliz que esteja refeito do seu estresse.



— Bem, não sei se estou totalmente recuperado. Vou tirar essa dúvida quando assinar o encerramento de outra proposta como aquela.

Kassia sentiu uma curiosidade enorme em saber se o Sr. Harrison já sabia do erro que cometera antes de adoecer, mas resolveu não tocar no assunto. Depois de algum tempo concluiu que a direção da empresa resolvera ocultar-lhe o ocorrido em respeito a seu estado de clínico.

A semana transcorreu bem, apesar de Kassia continuar se sentindo muito desanimada e sem paciência nenhuma para ouvir qualquer tipo de conversa que não tratasse de trabalho. Suas colegas a procuravam para saber de sua vida, mas Kassia se inquietava com as perguntas.

No final da semana resolveu ir para Herefordshire visitar seus pais, ouvi-los falar sobre a viagem à China, mas no último momento mudou de idéia. Estava muito deprimida para encontrar-se com quem quer que fosse.

Um dia, quando já trabalhava só na Mulholland Incorporated, voltando do almoço, Kassia encontrou-se com Tony Rawlings à porta do edifício.

— Menina! Estou morrendo de saudade de você. Quando é que vai se decidir a sair comigo?

Kassia ia responder, mas de repente ficou-se muda. Lyon caminhava pela calçada em direção a eles. Fingindo não vê-la, ele passou e se dirigiu para dentro do edifício.

Tony sequer percebeu a intensa emoção que perpassou o semblante de Kassia. Animado, continuou:

— E então? Vai continuar resistindo ao meu charme? Quando é que vamos jantar?

Magoada com a indiferença de Lyon, Kassia decidiu que sairia com Tony. Talvez isso a ajudasse a esquecer aquele homem frio e impiedoso que destruíra seu coração.

— Na verdade, Tony, acho que não vou conseguir resistir ao seu charme por muito mais tempo...

Encorajado, Tony a acompanhou até sua sala e, ao deixá-la, anunciou satisfeito:

— Então, apanho você hoje às oito.

Sem dar muita importância para o que Tony dizia, Kassia pensava na indiferença de Lyon. O fato de ele tê-la ignorado a agredira profundamente.

Após algum tempo o telefone tocou e Kassia estremeceu ao ouvir a voz firme de Lyon do outro lado da linha.

-- Suba até aqui! — ordenou ele, desligando o telefone em seguida.

Kassia ficou furiosa. Afinal, quem ele pensava que era? O senhor de todos os mortais? E era claro que Lyon sabia que agora ela estava trabalhando na Mulholland! Era demais sua arrogância! De qualquer forma, porém, Lyon era seu patrão e precisava obedecê-lo. Resignada, preparou-se para enfrentá-lo.

CAPÍTULO VI



Agora Kassia já sabia o que iria encontrar no escritório do todo-poderoso: Lyon Mulholland. Não era mais a garotinha ingênua que subira lá uma vez pensando que iria ser elogiada pelos bons serviços prestados à empresa.

Respirou fundo várias vezes e entrou na sala da secretária de Lyon.

— O Sr. Mulholland quer me ver — anunciou-se.

— A Srta. Finn está aqui — disse a secretária pelo interfone.

— Obrigado — respondeu ele.

Kassia já ia entrando na sala quando a secretária a advertiu firmemente:

— Você ainda não pode entrar. Sente-se e espere, por favor.

— Oh, desculpe-me. Pensei que...

— Aguarde, Srta. Finn.

Envergonhada, Kassia se sentou no belíssimo sofá da sala de espera, contendo-se para não começar a chorar.

Cinco minutos transcorreram sem que o interfone tocasse. Mais cinco minutos de espera, e Kassia teve a impressão de que estava ali há horas. Será que Lyon fazia isso para irritá-la ou realmente estava ocupado?

Quando já fazia quinze minutos que esperava, Kassia não agüentou mais e perguntou à secretária:

— O Sr. Mulholland está com alguém na sala?

— Não, Srta. Finn. Ele está sozinho. Mas não tenho autorização para fazê-la entrar.

— Pois eu me autorizo. Com licença! — E Kassia entrou de súbito na sala de Lyon sem que a secretária pudesse detê-la.

Sentado em sua mesa assinando uns papéis, Lyon parecia cansado e abatido.

— Afinal, o que quer de mim?

— Desculpe-me, Sr. Mulholland. Ela entrou sem minha autorização — gaguejou a secretária.

— Tudo bem, pode sair — ordenou ele levantando-se. — Sim, Kassia. Eu queria falar com você realmente.

Pelo fato de Lyon não tê-la convidado para se sentar, Kassia concluiu logo que o assunto não seria dos mais agradáveis.

— Você conhece a reputação de Tony Rawlings por acaso?

— Tony Rawlings?! — gritou ela, pasma. Então era para isso que ele a chamara ali? Para falar de Tony Rawlings?!

— Ele estava conversando com você hoje, não?

— Não acredito! — estourou ela. — Você me fez esperar quinze minutos para falar de Tony Rawlings?!

— Alguém teria de preveni-la e achei que esse alguém deveria ser eu.

— Dois jantares com você não lhe dão o direito de se meter na minha vida, tampouco de determinar minhas amizades, sabia?



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Pelo que me consta, caso você ceda aos convites de Tony Rawlings, ele não vai se contentar apenas em jantar com você!

— É, provavelmente não. Talvez Tony tente o mesmo jogo de sedução que você usou da última vez em que jantamos juntos.

— Eu... eu... — Lyon estava indignado. — É assim que retribui o respeito que tive por você? Será que não *deixei* bem claro que a sedução não estava nos meus planos naquela noite? Agora, de uma coisa eu tenho certeza: é a regra número um dos planos de Tony Rawlings.

— É o preço que sou obrigada a pagar por ter nascido ruiva de olhos verdes. Acho que estou fadada a ser sempre alvo de sedução — Kassia ironizou.

— Pois saiba que pagará um preço bem mais alto se ceder aos caprichos de Tony Rawlings. Ele já é divorciado duas vezes e tenho certeza de que não está pensando em um terceiro casamento.

Kassia não sabia desse fato. Tony Rawlings devia ter pouco mais de trinta anos, era jovem demais para já ser divorciado duas vezes. Mas não deixou transparecer que estava surpresa.

— Ótimo! — replicou ela. — Já que eu também não estou querendo me casar, poderemos muito bem ter um relacionamento amoroso sem nos preocuparmos com nenhuma complicação matrimonial.

— O relacionamento que ele quer é levar você para a cama — revidou Lyon quase aos gritos.

— E se for exatamente isso que eu quero com ele? Você tem alguma coisa a ver com isso?

— Mas você é... é...

— Virgem? É isso o que quer dizer? — Kassia estava disposta a desafiá-lo. — Em dois meses muita coisa acontece, Sr. Lyon Mulholland. O que lhe dá tanta certeza de que ainda continuo virgem?

Kassia jamais imaginara que essas palavras poderiam perturbá-lo tanto. Lyon ficou lívido. Segurando-a pelos ombros, sacudiu-a com força vociferando:

— O que você está dizendo?!

Apesar de amedrontada, Kassia sentiu um enorme prazer em vê-lo tão desnortado por sua causa. Era como se de alguma forma estivesse se vingando por tudo pelo que passara. Era como se Lyon estivesse em suas mãos. O todo-poderoso, o herdeiro do império Mulholland, estava totalmente fora de si e por isso mesmo poderia continuar tripudiando com ele. E foi o que fez:

— Esta noite não será a primeira vez que sairei com Tony. É a ele, e somente a ele, que pertence todo meu I ser. Se algum dia você pensou que tinha domínio sobre mim, sinto muito. Você foi apenas uma aventura barata.

Lyon a segurou tão forte que quase chegou a machucar seu braço. Por alguns instantes Kassia pensou que fosse empurrá-la para fora de sua sala, mas em vez disso ele a puxou para junto de si e cobriu-lhe a boca com avidez, chegando a ferir-lhe os



lábios.

Kassia, então, lutou para se libertar daquele abraço brutal e da boca que machucava a dela. Quando Lyon parou de beijá-la, ela disse, furiosa:

— Tire suas mãos de cima de mim, seu canalha! Só que Kassia não conseguiu dizer mais nada. Lyon cobriu-lhe novamente a boca num beijo feroz.

Kassia sentiu que estava enfraquecendo, mas não queria ser beijada assim tão brutalmente. Quando Lyon resolveu fitá-la, viu que ela estava com os olhos marejados de lágrimas.

— Por favor, Lyon, acalme-se.

— Oh, não... O que foi que eu fiz? Me perdoe, Kassia, por favor... me perdoe — ele implorou.

De repente toda a raiva de Kassia passou e foi a vez dela o beijar com carinho.

— Diga-me que é mentira, por favor, Kassia... Você não esteve com nenhum outro homem, não é mesmo? Diga que não, Kassia... Não consigo entender o porquê, mas...

— Não, Lyon, eu menti para você. Nunca estive com outro homem depois de você — ela o interrompeu sentindo muita ternura por Lyon.

Mas Kassia logo percebeu que nunca deveria ter lhe contado a verdade. Lyon afastou-se dela e pronunciou triunfante:

— Eu sabia.

Então aquela encenação fora para obrigá-la a falar... Ah! Quer dizer que era assim. A fúria que a invadiu foi tão grande que Kassia, não pensando duas vezes, se aproximou de Lyon e deu-lhe uma bofetada no rosto.

Lyon ficou petrificado de espanto e, antes que se recuperasse do susto, Kassia saiu correndo da sala, batendo violentamente a porta atrás de si.

De volta a sua mesa, o primeiro impulso dela foi o de arrumar suas coisas e ir embora para nunca mais pisar na Mulholland Incorporated. Kassia porém tremia tanto que mal conseguia permanecer de pé. Sentou-se para não cair, sabendo que estava prestes a desfalecer.

Entrando em sua sala o Sr. Harrison viu o estado de Kassia e foi buscar-lhe uma xícara de chá. Após tomar o líquido fumegante, bem mais calma, Kassia preparava-se para ir embora. Nesse instante Tony Rawlings entrou.

— Más notícias, Kassia — disse ele chateado —, receio que não vamos poder jantar hoje à noite.

Essa era a melhor notícia que Kassia poderia receber depois de tantos aborrecimentos. Sentiu até um ânimo para brincar:

— Já sei. Você se lembrou que tem de jantar com uma tia bem velhinha.

— Por você eu teria deixado a família inteira esperando, se fosse o caso. Acontece que acabo de sair do escritório do nosso chefe.

— E daí? — inquiriu ela, tentando disfarçar sua curiosidade.

— Há algo estranho no ar. O Sr. Mulholland em pessoa me chamou para dizer que preciso trabalhar hoje à noite. Incumbiu-me de chefiar um projeto que só poderá ser

desenvolvido depois do expediente. Estranho, não? Creio que ele está querendo me promover, mas antes disso quer testar minha resistência para o trabalho.

— É óbvio que sim. Só pode ser isso. Essa. é a única explicação plausível para um caso tão *sui generis* como esse — mentiu Kassia tentando consolá-lo.

— Poderemos nos encontrar por volta das onze da noite, até lá já terei terminado o trabalho. Espero... — sugeriu ele.

— Desculpe, Tony, mas a essa hora eu já estarei no meu terceiro sono — esquivou-se, Kassia.

Quando Kassia foi dormir, de novo não conseguiu conciliar o sono. A atitude de Lyon não lhe saía da mente. Por que não queria que ela saísse com outro rapaz? Por que se negara a procurá-la depois de ter chegado da Austrália? Por que fazia tanta questão que ela se mantivesse virgem? Ele próprio não a queria, mas a tratava como se fosse um objeto de sua propriedade e ela novamente caíra na armadilha de seus beijos. Seria por mero capricho que Lyon agia dessa maneira? Seria por que não estava acostumado a perder? Por que essa perseguição para com Tony Rawlings? E essa série de porquês a desnorteava, a perturbava, roubava-lhe o sono e fazia-a sentir que a vida já não tinha mais nenhum significado.

Na manhã seguinte Kassia foi trabalhar desanimada e irritada pela noite insone. A primeira pessoa que entrou em sua sala após o Sr. Harrison foi Lyon Mulholland. Ele nem olhou para ela, entrando direto na sala do Sr. Harrison. Era a primeira vez que Lyon vinha à sala do Sr. Harrison e ela teve certeza de que após a visita seria demitida.

— Venha até aqui, Kassia — chamou o Sr. Harrison, minutos após Lyon ter entrado.

Kassia foi preparada para ser demitida novamente da Mulholland Incorporated, mas não foi isso que ouviu.

— Você se lembra onde coloquei a proposta da Albernath? — quis saber o Sr. Harrison.

Trêmula, entregou a proposta ao chefe. Lyon sequer dignou-se a olhá-la.

Mais um final de semana se arrastou angustiante para Kassia. Seu ódio por Lyon não lhe dera um minuto de descanso. Seu consolo era esperar por mais um dia de trabalho, pois com a mente ocupada deixaria de pensar nele pelo menos por alguns momentos.

Na manhã de segunda-feira seu colega da Insull Engenharia, Sam Ottaway, lhe telefonou, fazendo-a se sentir mais animada:

— Lembra-se de mim? Tenho sentido sua falta aqui na Insull — começou ele gentil. — Que tal sairmos qualquer dia para matarmos a saudade?

Kassia ia responder que não, mas ponderou no quanto lhe seria benéfico estar em companhia de uma pessoa agradável como Sam Ottaway. Era preciso distrair-se um pouco, divertir-se, antes que acabasse enlouquecendo de tanto pensar em Lyon.

— Seria ótimo — concordou ela.

— Que tal hoje à noite? Poderíamos jantar juntos.



— Negócio fechado. Apanhe-me em minha casa às oito. Quer anotar o endereço?

Já à noite, apesar de não se sentir disposta a se arrumar para sair com Sam Ottaway, Kassia dizia a si mesma que era preciso lutar contra esse sentimento de desânimo que tentava dominá-la. O primeiro traje que lhe surgiu à frente parecia ótimo para a ocasião, ao contrário de quando saíra com Lyon, que nenhuma peça de seu guarda-roupa parecia adequada. Kassia se perguntava o porquê dessa atitude. O fato era que com Lyon ela nunca se sentira à vontade. Parecia que entre os dois havia sempre a diferença social a separar-lhes como se fosse uma barreira invisível. Lyon era uma figura aristocrática, formalíssimo até nos mais ínfimos detalhes, e essa postura a impedia de ser ela mesma.

Com Sam, por outro lado, já se sentia à vontade, poderia rir, brincar, ser informal, vestir a roupa que bem quisesse, era um colega de profissão e não o dono do império Mulholland.

Mais descontraída por ter se conscientizado dessa realidade, Kassia colocou um jeans e uma camisa xadrez bem simples. E gostou do que viu no espelho.

Com o toque de uma leve maquilagem e um lenço indiano no pescoço para completar o traje, Kassia ficara tão bonita que quando Sam chegou não pôde deixar de elogiá-la pela graça de sua aparência.

— Você ainda está mais linda do que eu me lembrava — disse ele, galante.

— Obrigada... Gostaria de acreditar nisso. Se ao menos eu estivesse de paetês ainda seria válido o elogio, mas de jeans...

— Ora, Kassia. Quem é bonita não precisa de paetês para brilhar. Só esses olhos verdes já valem mais do que todo o paetê do mundo.

— Está bem, Sam, vou fingir que acredito — retrucou ela rindo. — Então, vamos que já estou com fome.

— Esta noite sou todo seu. Iremos aonde você quiser.

— Que tal uma cantina napolitana? Há tanto tempo que não como um belo de um caneloni.

— Conheço uma que tem música ao vivo e pista de dança também.

— É disso que estou precisando. Vamos.

— Levantarei a capota do meu carro para que você não desmanche seus lindos cabelos ruivos.

— Você costuma ser sempre gentil assim, ou é só da primeira vez? — quis saber Kassia rindo, enquanto entrava no MGB conversível de Sam, fazendo-o rir também.

Aquele jantar com Sam foi um bálsamo para a alma sofredora de Kassia. Nunca se divertira tanto, nunca rira tanto, nunca se sentira tão à vontade com alguém como ficara com Sam. Com que espontaneidade ele a tratara, com que naturalidade ele se portara! Era como se ambos tivessem se conhecido há anos, parecia estar em companhia de um velho e querido amigo da família.

Dançaram ao som da melodiosa voz de um cantor italiano: primeiro as músicas românticas que os italianos sabem interpretar tão bem, depois os ritmos mais rápidos em

que Kassia se esbaldava de rir pelos pisões que dava no pé de Sam, contagiada pela alegria e autenticidade que transbordava daquela gente napolitana.

Nos poucos momentos em que conseguiram falar a sério Kassia observou estar em companhia de um rapaz extremamente inteligente. Suas idéias eram nítidas e coerentes, seus pontos de vista irrefutáveis, aliás, a postura de Sam diante da vida se mostrara madura demais para alguém tão jovem. Isso tudo surpreendeu Kassia e a fez admirá-lo muito.

Passava da meia-noite quando deixaram a cantina, despedindo-se dos amigos que lá haviam feito, prometendo voltar tão logo quanto possível. Kassia sentia-se feliz, leve, satisfeita por ter passado momentos tão agradáveis. Sam jamais poderia imaginar o quanto aquele jantar lhe fizera bem, o quanto ela estava precisando daqueles momentos de descontração. Em momento algum Kassia pensou em Lyon. Era como se sua mente se recusasse a pensar nele para não estragar o prazer da companhia de Sam.

— Você prometeu ao pessoal que voltaria lá assim que possível — lembrou-lhe o rapaz enquanto se dirigiam ao estacionamento. — E, como promessa é dívida, serei obrigado a trazê-la outra vez — concluiu brincalhão.

— É! Eu também acho, Sam. Você será obrigado a me trazer aqui novamente, e eu não tenho outra saída a não ser acompanhá-lo! — zombou.

— Que tal amanhã? — investiu ele com ar sorrateiro.

— Calma! Deixe que pelo menos nossos amigos italianos sintam saudade da gente...

— O caso é que não sei se eu resistirei à saudade.

— Ah, resiste, sim. Você é forte, garanto-lhe que vai sobreviver a ela... — Kassia caçoou.

De repente Sam puxou Kassia para junto de si, beijando-a sem a menor cerimônia. Pela reação dele, Kassia pôde notar que o rapaz se emocionara com o beijo. Para Kassia, porém, o beijo não significou absolutamente nada. E foi nesse instante que a imagem de Lyon assomou-lhe à mente. Como amava aquele homem!

Sam notou a frieza de Kassia e, sentindo-se envergonhado, murmurou:

— Me desculpe, Kassia... Mas foi impossível me conter...

— Desta vez passa — brincou ela, tentando retomar o clima de descontração anterior àquele malfadado beijo.

Os dois entraram no carro em silêncio. Era como se ambos estivessem decepcionados um com o outro: ele com a frieza de Kassia e ela com a precipitação de Sam. Com toda a certeza, pensava Kassia, o amigo pensara que ela fosse beijá-lo de forma calorosa. Afinal, até aquele instante a descontração reinava entre ambos.

Sam, porém, não sabia que o coração de Kassia pertencia a Lyon Mulholland...

O silêncio ainda pesava entre ambos quando Sam pegou a larga avenida que levava ao apartamento de Kassia. Apesar de sua enorme vontade de ficar sozinha, ela achou que seria de bom-tom convidar Sam para um café, já que o rapaz fora tão cortês e atencioso. Mas como fazer para que o convite fosse visto por Sam apenas como cortesia?

Como já estavam quase chegando, Kassia arriscou:

— Se você não tivesse comido tanto lá na cantina eu o convidaria para provar uma tortinha de avelã que fiz, acompanhada com um bom café, é lógico.

Sam sorriu, feliz por se dar conta de que Kassia queria de alguma forma se retratar da frieza que havia demonstrado ao ser beijada. E respondeu:

— Por isso não, para sua torta de avelã tem sempre um espaçozinho no meu estômago — ele riu, dando um beliscãozinho na bochecha de Kassia, como se faz a uma criança, sem notar que um carro, do outro lado da avenida, perdera a direção e vinha ao encontro deles.

Sequer tivera tempo para gritar, tão repentina foi a colisão. Após o baque surdo, Kassia sentiu o sangue quente escorrer sobre sua fronte e os gemidos de Sam tornaram-se cada vez mais e mais distantes...

CAPÍTULO VII

Quando recobrou a consciência Kassia viu-se em um leito de hospital. Não conseguia discernir ao certo o que acontecera, apenas se lembrava de ter jantado com Sam Ottaway e que ele a trazia para casa; a partir daí era tudo escuridão.

Sentia que sua cabeça estava enfaixada, mas não tinha forças suficientes para levar a mão à testa e tatear o curativo. Em seus delírios chamara por Lyon e por sua mãe. Sabia disso porque acordara balbuciando esses dois nomes. Queria tanto estar nos braços de um desses dois seres tão queridos...

Quem veio a seu encontro, porém, foi a enfermeira, que entrou com sua espontaneidade profissional, afastou o lençol e perguntou, medindo-lhe a pulsação:

— Como é, sarou da pancada na cabeça? Que susto, não? Você teve muita sorte, garota...

— Onde estou? — perguntou ela. — O que aconteceu comigo? Por que estou com a cabeça enfaixada?

— Calma, mocinha. Uma pergunta de cada vez. Você está no Hospital Casualty. O que aconteceu foi que o carro de seu namorado foi abalroado por um outro que perdeu a direção. E você está com a cabeça enfaixada, Kassia, porque levou uma pancada feia na cabeça. Mas fique tranqüila, você está muito bem.

Vendo a maneira calma da enfermeira falar, Kassia começou a relaxar, conseguindo até esboçar um sorriso.

— Só que Sam Ottaway não é meu namorado. É apenas um colega de serviço.

— Pois, olha, ele nos enganou direitinho... Do jeito que delirava chamando por você... Tínhamos certeza de que o casamento de vocês seria para muito breve.

— Não, não. Vocês estão enganados. Ele é apenas um colega de trabalho. Ele não se feriu?

— O rapaz não sofreu nada de grave. Apenas uma pancada na cabeça como a sua. Mas eu poderia jurar que o rapaz é muito mais do que um colega de trabalho.

Kassia riu com as palavras da enfermeira. Era mesmo de estranhar que Sam estivesse tão preocupado.

Assim que a enfermeira a deixou sozinha, Kassia dormiu de novo. Após algumas horas foi acordada pela enfermeira que vinha lhe trazer o medicamento.

— Agora sei por que não namora Sam Ottaway — caçoou a enfermeira. — Com um namorado como o seu acho que nenhuma mulher no mundo teria olhos para mais ninguém. Nossa, que homem lindo!

— Do que você está falando?

— Como? Então não estava acordada quando ele entrou aqui no quarto?

— Quem entrou aqui no quarto?

— O Sr. Lyon Mulholland, ora essa. Ou será que você tem algum outro namorado?

Kassia sentou-se assustada. Não era possível o que acabara de ouvir. Lyon Mulholland estivera lá? Mas como, se da última vez que o vira dera-lhe um sonoro tapa no rosto? Não teria ele ficado ofendido?

— Vo... Você tem certeza de que... como sabe que era Lyon Mulholland? Não teria se enganado?

— Ora, quem não conhece o famoso herdeiro de Jonathan Mulholland, o empresário mais famoso de Londres? Ele é mesmo muito rico, não é mesmo?

— Bem, não sei ao certo,...

— Pelo que estou vendo você não gosta de falar sobre esse assunto. Pois bem, não falemos mais nisso.

— O fato é que não sou nada de Lyon Mulholland. Sou apenas uma de suas milhares de funcionárias.

— Uma de suas funcionárias? *Mas como!* Da maneira com a qual ele beijou você, duvido que tenha sido apenas uma visita de cortesia.

— Ele me beijou?! — gritou Kassia afundando em seu travesseiro, tamanho o seu espanto.

— É uma pena que a senhorita não estivesse acordado para desfrutar daquele beijo. Admiro-me que não tenha despertado com o beijo de um príncipe como Lyon Mulholland.

— Ele me beijou mesmo, ou a senhora está brincando?

— Claro que não estou brincando. Ele não esperava que eu entrasse no quarto de repente. Ficou até branco, tamanho o susto! Parecia uma criança pega em flagrante.

— Oh, pobre Lyon! E pensar que a última vez que me despedi dele foi com uma enorme bofetada em seu rosto... — lembrou Kassia com a voz cheia de remorso.

— O quê? Você o esbofeteou? E ele ainda veio aqui visitá-la, pagando a bofetada com um beijo? Então, pode acreditar em uma coisa: você é muito mais que uma simples funcionária para ele.

— Acha mesmo, enfermeira?



— Se eu acho? Ora, menina, tenho a mais absoluta certeza! Um homem desse naipe não se curva perante qualquer mulher!

Kassia levou um bom tempo para recuperar-se daquela notícia. Ria sozinha só de pensar que Lyon se assustara com o flagrante da enfermeira e mais de uma vez se pegou perguntando: "Será que ele gosta de mim?" Como teria ele sabido do desastre? Quem o avisara? Será que Sam, ingenuamente, avisara o Sr. Harrison, que por sua vez dera a notícia a Lyon?

— De uma maneira ou de outra, Lyon deve ter ficado louco de raiva — ela disse baixinho.

Decidida a tomar um banho, Kassia saiu da cama. Caso Lyon voltasse, o que achava pouco provável, não queria que a encontrasse abatida.

Quando se olhou no espelho do banheiro levou um susto com a palidez de seu semblante, com a morbidez de sua fisionomia coroadas pelas ataduras que lhe circundavam a fronte. Ficou vermelha de vergonha ao imaginar que Lyon a vira dessa forma... Mesmo assim, porém, ele a beijara...

Súbito, Kassia se deu conta de que nem sequer perguntara pelo estado de Sam Ottaway. Como pôde ser tão distraída? Será que não tinha cabeça para mais nada no mundo além de Lyon Mulholland? Será que não sabia que além dele toda uma vida acontecia a seu redor? O universo continuava em movimento, pessoas nasciam e morriam...

Kassia percebeu, então, que desde que o conhecera não conseguia mais pensar em nada. Excetuando-se os poucos momentos que gozara em companhia de Sam na cantina napolitana.

Decidida a pôr um fim nessa obsessão, Kassia tomou um bom banho e ao sair só pensava em encontrar a enfermeira. Precisava saber de Sam, queria saber quando teria alta... Não agüentava mais ficar ali... E a viagem dos seus pais à China? Não podia continuar negligenciando pessoas que a amavam tanto! Também iria procurar sua amiga Emma. Como será que estava indo o relacionamento dela com o novo namorado?

Assim que a enfermeira entrou no quarto, Kassia lhe disse:

— Quero ir para minha casa.

— O quê? — a enfermeira perguntou espantada.

— Não agüento mais ficar aqui!

— Mas você ainda não recebeu alta! Em casos semelhantes ao seu, o paciente é retido no hospital por mais vinte e quatro horas!

— Oh, não! Quero ir embora agora mesmo. Estou me sentindo tão bem...

— Você está abatida, menina. Não pode sair desse jeito. Quer ter um desmaio na rua? Tenha calma, espere pelo médico. Vamos, deite-se novamente! Dentro de uma hora o médico estará aqui para vê-la.

— Quero saber de Sam Ottaway. A senhora sabe como ele está?

— Muito bem. Há pouco falei com ele. Só que seu amigo também tem de fazer repouso.



— Tenho que mandar um recado para o meu chefe.

— Imagine... Não se preocupe com nada, Kassia. Nunca se ouviu falar que uma batalha tenha sido perdida pela falta de um soldado.

Conforme o previsto pela enfermeira, o médico não deu alta a Kassia naquele dia. Sugeriu que ela ficasse ainda mais vinte e quatro horas em observação, pois pancadas na cabeça muitas vezes causavam seqüelas irreparáveis.

Na manhã do dia seguinte Kassia tomou seu café, banhou-se, penteou-se e deitou-se à espera do médico.

— Se ele não me der alta hoje eu fujo do hospital! — disse para si mesma, pois já se sentia tão disposta que achava ilógico ser mantida por mais tempo naquele leito. Por ela iria direto do hospital para a empresa.

Como o médico demorou a chegar ela acabou sentindo-se muito sonolenta.

Ouvindo alguém entrando no quarto esforçou-se para abrir os olhos o mais depressa possível, pois não queria que o médico a julgasse sem condições de deixar o hospital naquela manhã.

Ao abrir os olhos, porém, não foi com a figura do médico que se deparou, mas sim com Lyon! Sem dúvida teria cambaleado, caso não estivesse deitada.

— Você está horrível — comentou ele.

— Bom dia para você também — replicou Kassia.

Com o susto que levara com a visita inesperada, Kassia começou a soluçar. "Logo agora foi me dar soluço!", ela pensou aflita.

Ficaram se olhando um bom tempo, ambos espantados com a reação do organismo de Kassia. Era como se Lyon nunca tivesse visto uma pessoa adulta soluçar, ou nunca tivera soluçado na vida. Kassia não sabia se ria ou chorava. Se aquilo tivesse acontecido na presença de Sam, os dois teriam caído na gargalhada, mas Lyon era sério demais para rir do que quer que fosse.

— Como você está se sentindo? — indagou ele, por fim.

Na verdade Kassia estava se sentindo tão horrível quanto ele dissera ao chegar. Também, com aquela camisola do hospital, o cabelo todo despenteado e sem nenhuma maquiagem... Mas só para não dar o braço a torcer, respondeu:

— Ótima!

Lançando-lhe um olhar de desconfiança Lyon deu a entender que não havia acreditado nela.

— Estou preocupada com o Sr. Harrison...

— Garanto que ele nem notou sua falta — ironizou ele.

— Pode ser... Ninguém é insubstituível neste mundo. Eu sei disso — defendeu-se Kassia, tentando jogar-lhe uma indireta, já que intuía que Lyon se magoara por ela ter substituído Tony Rawlings por Sam Ottaway tão rapidamente.

— Ali, ninguém melhor que você para fazer isso, não é mesmo? — censurou ele.

— A gente se vira como pode, meu caro... Querendo encerrar a discussão, Lyon concluiu:



— Bom, você está precisando de alguma coisa?

— Devo receber alta hoje,

— Quem disse?

— Ora, quem disse!? O meu médico. Vou para casa assim que ele me der alta.

— Para a casa dos seus pais em Herefordshire, você quer dizer, não é?

Uma suave emoção invadiu a alma de Kassia nesse instante. Quer dizer então que Lyon se lembrava que seus pais viviam em Herefordshire? Sempre acreditara que ele não tivesse dado a menor importância para tudo o que dissesse sobre sua família e mesmo sobre si própria. E por que ele insinuara que fosse para a casa dos pais? Os olhos de Kassia marejaram sem que ela pudesse se controlar. Definitivamente, Lyon Mulholland se preocupava com ela. A princípio, quando o viu no quarto, julgara que a visita tivesse o propósito de cumprir o protocolo da empresa, que viera em nome da Mulholland Incorporated. Agora porém sabia que o motivo não fora esse. Não era o seu patrão que estava ali, mas o homem que tanto amava...

Tentando mostrar-se auto determinada, porém, decidiu contradizê-lo. Lyon não podia saber do controle que exercia sobre ela.

— Vou para o meu apartamento!

— Veremos! — disse Lyon e, antes que Kassia lhe respondesse, a enfermeira de plantão entrou e o advertiu que os cinco minutos que ele solicitara já haviam terminado. Lançando um olhar severo para Kassia, Lyon saiu sem dizer mais nada, deixando atrás de si um vazio tão imenso que ela sentiu-se fraca novamente.

Que estranho poder exercia Lyon sobre ela... Onde estava a vontade de saber de seus amigos, de seus pais? Era como se Lyon ao sair tivesse carregado consigo toda a determinação de mudar, de construir, de reagir à inércia que se instalara dentro dela desde que o conheceu.

Sentindo-se sem perspectivas futuras, Kassia chegou à conclusão de que era preciso evitar a presença de Lyon, apesar do desejo louco de estar sempre com ele. Não tinha estrutura para continuar convivendo com um amor impossível...

Fechou os olhos na tentativa de dormir um pouco, mas a imagem de Lyon não a abandonava, deixando-a inquieta e atormentada.

"Assim não dá", pensava Kassia. "Que terá ele vir do fazer aqui neste hospital?! Não consigo entender esse homem! Por mais que tente, não consigo!"

Nesse instante o médico entrou. E para Kassia foi um grande alívio.

Esqueceu-se, pelo menos por alguns instantes, que Lyon existia.

Enquanto respondia às perguntas do médico, Kassia sentia-se mais e mais segura. Após o término da consulta, agradeceu-lhe a atenção e os cuidados, dizendo em seguida:

— Bem, assim que a enfermeira trazer minhas roupas, creio que já posso deixar este leito para alguém que realmente precise dele, não, doutor?

— Acho que você está enganada, mocinha... — o médico disse num tom meio jocoso.

— Enganada?! Vou embora para minha casa ainda hoje, não é mesmo, doutor? E

se der ainda vou trabalhar, nem que seja só no período da tarde. Estou ótima. Estou me sentindo tão bem como nunca!

— Você estará ótima amanhã de manhã. Por enquanto deve ficar aqui quietinha, pois ainda não terminou seu período de observação. Até amanhã, e vê se descansa!

— Mas doutor...

— Nem mais nem menos. E, se me dá licença, ainda tenho algumas dezenas de leitos para visitar. Bom dia, Srta. Finn. — E o médico saiu do quarto sem que Kassia tivesse tempo para protestar.

O jeito foi dar-se por vencida. Mesmo contra a vontade permaneceria no hospital por mais um dia.

Assim que a enfermeira voltou para lhe trocar os curativos, Kassia protestou em tom de lamúria:

— Puxa! Pensei que poderia retornar ao trabalho ainda esta manhã, imagine! Mas o médico não quis me dar alta. Disse que ainda tenho que ficar em observação por mais vinte e quatro horas.

— E por que tanta pressa em nos deixar, mocinha? Por acaso alguém está tratando você mal?

— Ora, em absoluto. Vocês são todos atenciosos. Apenas chego a me sentir mal só de pensar em estar ocupando sem necessidade um leito de hospital que pode estar fazendo falta a outra pessoa.

— Pois pare de se sentir mal. Há leitos suficientes para os pacientes que estão chegando — comentou a enfermeira gentilmente. — Você está em observação porque levou uma pancada na cabeça e, como acontece em casos como esse, quando o médico fica sabendo que o paciente vive sozinho, o mantém aqui mais tempo. Seu amigo já foi embora para casa.

— Sam já foi embora?! E como é que o médico ficou sabendo que eu moro sozinha? Não me lembro de ter dito isso a ele... — tentou recordar-se Kassia.

— Alguém deve ter lhe dito. E garanto que não fui eu...

Kassia ficou encabulada com aquela observação. Realmente não se lembrava de ter dito ao médico que morava sozinha. Só se o fizera em meio ao delírio que passara. Sam... Sam Ottaway! Só podia ter sido ele, pois Lyon não seria tão atrevido a ponto de procurar o médico e transmitir-lhe tal informação! Não... Pensando melhor, Lyon era capaz de tudo!, Kassia concluiu. E falou em voz alta:

— Mas é claro! Foi ele quem fez isso comigo! Eu devia saber! Mas quem ele pensa que é?! O rei da Pérsia? Maldito! Com que direito pensa que pode interferir na minha vida?

— Seja lá quem for esse homem, não queria estar na pele dele quando você sair daqui! — comentou a enfermeira.

— Oh, me desculpe! Mas precisava desabafar.

— Sempre é bom desabafar. Faz bem para a saúde.

— Para mim está é fazendo mal!



— Por quê? Está sentindo alguma coisa?

— Uma tremenda dor de cabeça.

— Então é melhor você descansar. Afinal você chegou aqui desconcertada.

— Você não poderia me arrumar um comprimido?

— Nem pensar! Remédio só com ordens médicas!

— E um telefone? Pode me indicar onde encontro um?

— Isso eu posso fazer. Venha! Kassia seguiu a enfermeira pelo corredor até o balcão onde se encontrava o aparelho telefônico.

Kassia estava pensando em ligar para os pais, mas no momento em que ia discar o último número, mudou de idéia. Não podia preocupá-los. Afinal, apesar da dor de cabeça, estava se sentindo muito bem. Ligaria para Emma! Claro! Queria muito falar com a amiga!

— Emma, querida, há quanto tempo! Como tem passado?

— Maravilhosamente bem, Kassia. Desde que estou namorando Adam, me sinto uma outra pessoa. Nós saímos quase todas as noites...

— Que bom... Por isso que nunca mais me telefonou...

— Oh, querida! Estou sempre pensando em você. Já disse ao Adam que qualquer noite dessas iria marcar um jantar para lembrarmos os velhos tempos... Mas pensando melhor, Kassia, poderíamos passar um fim de semana na casa dos seus pais, como fizemos uma vez...

— Estou pensando em dar uma chegadinha lá no próximo sábado. Se quiser ir comigo, o convite está feito...

— Oh, que pena! Sábado irei a uma festa. Mas da próxima vez que for visitar seus pais prometo que vou junto.

— Quero só ver...

— E você, Kassia? Como tem passado? O que anda fazendo de bom? Muitos namorados?

— Oh, Emma... Não ando nos meus melhores dias. Acredita que fui jantar com um colega de serviço e na saída do restaurante, ou melhor, quando estávamos quase chegando em casa, sofremos um acidente?

— Você não se machucou, não foi? — perguntou Emma assustada.

— Não, quase nada. Apenas bati a cabeça, mas o médico achou melhor me deixar internada ainda hoje por precaução.

— O quê? Você está hospitalizada? Meu Deus! Mas por que não me avisou antes? Em qual hospital está?

— No Casualty, mas não se preocupe, Emma. Estou bem. Apenas bati a cabeça e desmaiei, foi só isso. Acontece que estou precisando de roupa. Será que poderia dar um pulinho até minha casa e me trazer algumas coisas?

— Mas é claro que sim! Você já devia ter pedido antes. Diga-me uma coisa: o zelador do seu prédio tem a chave do seu apartamento?

— Não, Emma. Você teria que vir até aqui para pegá-la!

— Já estou indo. Em que quarto você está?



— No 201.

— Pois bem, vá fazendo a lista do que vai querer que eu leve, que já estou a caminho. Quero vê-la deitada quando eu chegar, hein?

Conforme o prometido, em menos de uma hora Emma batia à porta do quarto, aflita por ver a amiga. Assim que Kassia a viu, exclamou:

— Você está tão... tão bonita! — Foi a primeira palavra que lhe veio à mente ao se deparar com a elegância da velha amiga, que antes era bastante displicente com relação à aparência.

— E o amor, querida. Viu o que um coração apaixonado é capaz de fazer? Mas me diga: você está bem mesmo?

— Estou sim, Emma. Não se preocupe. O médico que cismou de me deixar hospitalizada por mais vinte e quatro horas...

Enquanto conversavam, Kassia notou a intensidade com que brilhava o olhar de Emma, a maneira positiva com que falava, a leveza de seus gestos... A metamorfose que sofrera fora maravilhosa...

Encantada, se perguntava se isso um dia também ocorreria em sua vida, caso Lyon retribuísse o seu amor.

Quando Emma se despediu, Kassia a abraçou com força, emocionada.

Por volta das cinco horas, a enfermeira que estivera com Kassia quando acordara do desmaio, entrou no quarto com um buquê de flores.

— Sei que senti sua falta, mas eu tive um probleminha em casa e não pude vir trabalhar. Agora me diga, Kassia: quem será que lhe enviou estas flores? — A enfermeira lhe estendeu um cartão.

— Eu acho que foi...

— Vamos, coragem! Abra o cartão!

— Agora não... mais tarde — murmurou pensativa.

— O que está acontecendo? — indagou a enfermeira.

— Nada... Só estou meio preocupada. Obrigada por ter me trazido as flores. Se puder me arranjar um vaso...

— Claro que posso... Já, já eu volto com um. Assim que se viu a sós Kassia abriu o cartão e ficou

profundamente decepcionada. Não conseguindo se controlar, começou a chorar convulsivamente.

Ao vê-la chorando, a enfermeira, que voltara ao quarto com um vaso, se aproximou da cama e disse com carinho:

— Não chore, minha querida... Amanhã você estará em casa. E, acredite, ninguém no mundo merece o nosso sofrimento...

— Tem razão — concordou ela.

Após alguns minutos, já se sentindo melhor, Kassia enxugou os olhos, e leu de novo o cartão, que dizia:

"Não me odeie. Com amor, Sam".



Sam fora extremamente gentil com ela enviando-lhe aquelas flores. Precisava lhe telefonar em agradecimento. O rapaz precisava entender que o acidente não fora culpa dele. Não podia continuar se sentindo culpado, como lhe dera a entender pelo que escrevera no cartão.

Se bem conhecia o amigo, ele já estaria trabalhando. Indo até o telefone, Kassia ligou para a Insull e forneceu à telefonista o ramal de Sam.

— Sam! Sou eu, Kassia — exclamou ela contente, tentando mostrar-se otimista e recuperada. — Estou ligando para lhe agradecer pelas flores. São lindas!

— Kassia! — balbuciou Sam aturdido, como se não conseguisse acreditar que estivesse mesmo falando com ela. — Onde você está? De onde está ligando? Já te deram alta?

— Não, ainda estou aqui no hospital.

— Que bom que você me ligou...

— Pensei que você viesse me ver, Sam.

— Desculpe, Kassia. Mas eu...

— Não precisa se desculpar, Sam; Você deve ter tido os seus motivos...

— Fiquei muito chocado com o acidente.

— Foi o que imaginei. Mas acredite, Sam, eu estou muito bem. Vou sair hoje à noite. Assim que o médico me der alta já poderei ir embora — mentiu ela.

— Então eu vou dar uma chegadinha no seu apartamento para fazer uma visita.

Kassia não esperava que isso acontecesse. Como dizer-lhe que mentira, que só receberia alta no dia seguinte? Tinha de arrumar uma desculpa com urgência. Foi o que fez:

— Oh, sinto muito, Sam. Não irei para: o meu apartamento hoje à noite. Combinei de passar essa noite na casa de amigos.

— Isso é ótimo. Fico mais tranquilo, Kassia. Não gostaria que você ficasse sozinha.

Os dois continuaram conversando mais um pouco e, ao desligar o telefone, Kassia tinha a sensação de que tirara um peso da consciência de Sam.

No final da tarde Emma chegou com as roupas e com um ramalhete de flores em seu nome e em nome de Adam Pierce. Além de frutas, bolachas e um livro de William Blake, intitulado *Cantos da Inocência*.

— Oh, Emma querida, o que seria de mim sem você — agradeceu Kassia abraçando a amiga com afeto.

Enquanto Emma saía à procura de outro vaso para as flores que trouxera, Kassia se aproximou da janela perdida em pensamento. Quando a amiga voltou, disse entusiasmada:

— Achei que você iria gostar mais de sair do hospital com um vestido leve e colorido. Fiz bem em trazer o de seda indiana?

— Sim, claro Emma, está ótimo — concordou Kassia, apesar de ter pedido uma calça jeans e uma camiseta.

— Quero que você saia do hospital maravilhosa. Garanto que todos os homens



que encontrar irão olhá-la com cobiça.

Kassia deu uma gargalhada e disse:

— Mas eu não vou a nenhuma festa de gala ao sair daqui!

— Não importa. Faz de conta que vai. Essa é uma grande verdade que aprendi com o otimismo de Adam: faça de cada dia de sua vida uma grande festa de gala.

— Puxa! Quem te viu e quem te vê, hein?

— É o amor, querida, o amor faz milagres! O amor nos conduz a rumos nunca antes imaginados. E você, Kassia, não está amando?

— Não, Emma, infelizmente não... Mas gostaria muito de estar amando... — Kassia gostaria de dizer à amiga o que realmente acontecia com ela. Mas não se sentia com coragem para tanto,

— Me desculpe, Kassia... mas sabe o que eu acho? Você é exigente demais...

— É... pode ser...

— Amiga, na vida é preciso se aventurar; só assim estaremos dando chances ao amor. Caso contrário ele não acontece!

— Você tem razão, Emma. Juro que vou tentar ser mais descontraída e deixar as coisas acontecerem. Preciso primeiro sair do hospital.

Um pouco mais tarde Emma se despediu de Kassia com muito carinho, prometendo que viria buscá-la no dia seguinte.

— Emma, querida, você é tão bondosa comigo... Adoro você...

— Também adoro você, querida...

Kassia pensou que com a saída de Emma não receberia mais visitas. Após um banho, colocou a camisola que Emma lhe trouxera, pegou o livro que havia ganhado e começou a lê-lo.

Súbito, a porta se abriu.

Por alguns instantes Kassia recusou-se a levantar os olhos das páginas do livro para verificar quem era. Queria usufruir mais um pouquinho daquela ansiedade. Seria tão bom se fosse... E realmente era ele.

— Lendo Blake?

— Sempre leio Blake, Wordsworth, Byron, Colins, Pope e outros mais — mentiu Kassia, lembrando-se dos autores que tanto ouvira Emma comentar.

— Pois não parece — ironizou ele.

— Você também não parece sequer ter ouvido falar sobre eles — retrucou Kassia no mesmo tom.

— É... Você realmente não conhece nada sobre mim.

— *Nós não nos conhecemos.* E as aparências enganam muito, sabia?

Lyon a olhou intensamente e perguntou:

— Você andou recebendo muitas visitas?

— Por que essa pergunta agora? Lyon mudou de assunto:

— Gostei dessa camisola que você está usando.

— Liguei para minha amiga Emma, ela me trouxe algumas roupas.



— Trouxe flores também?

— Trouxe flores, bolachas, frutas e livros.

— Que amiga! E trouxe também todas essas flores?

— Parte delas.

Se aproximando da mesa onde ficara o cartão de Sam ele perguntou:

— Quem mandou as outras flores?

— Veja você mesmo. O cartão do remetente está aí sobre a mesa — disse Kassia, irritada.

Ao ler o cartão Lyon ficou tão pálido que Kassia teve vontade de rir. Sentia prazer em vê-lo enciumado.

— Sam estava sóbrio na noite do acidente? — indagou ele com ar severo.

— Sim, estava — respondeu. — Aliás, eu também!

— Então se lembra como foi o acidente?

— Claro que sim! Sam não teve a menor culpa com o que aconteceu! Foi o outro carro que nos abalroou. A propósito, como soube que eu estava com Sam na noite do acidente? O hospital lhe disse? E como soube que eu estava aqui?

— Não há nenhum mistério. Gordon Harrison me informou. Ele ficou muito preocupado ao saber que estava hospitalizada e sozinha. Então eu lhe disse que, como tinha alguns negócios para resolver aqui perto, viria dar uma olhada em você.

— Muito obrigada, diga a ele que não precisava se preocupar, e que amanhã mesmo já estarei de volta ao trabalho, se Deus quiser e se você não sugerir ao meu médico que me prenda aqui por mais um dia! — desabafou Kassia, sentindo-se aliviada por ter tocado em um assunto que a estava perturbando muito.

— Por que tanta pressa em voltar ao trabalho? Qual é a grande atração que você não pode perder lá na empresa?

Kassia tentou amenizar sua raiva, antes que perdesse o controle da situação:

— Com um patrão tão charmoso como o meu, quem consegue ficar tanto tempo longe?

A ironia dela surpreendentemente deixou Lyon envergonhado. Dando uma olhadela no relógio, disse:

— Você não perde uma oportunidade para me humilhar, não? — E saiu sem despedir-se.

Ansiosa com as palavras e com a saída repentina de Lyon, Kassia não conseguia dormir. Lembrava-se repetidas vezes da conversa que tivera com Lyon. Fora ele mesmo quem alertara o médico para o fato de que morava sozinha. Caso contrário não teria silenciado quando mencionara o assunto. E se não fosse pela preocupação do Sr. Harrison, ele não teria vindo visitá-la. Ou teria?

Kassia sabia que essas visitas de Lyon eram como que um incentivo para seu amor. Como esquecê-lo se ele surgia em sua vida nos momentos menos esperados possíveis? Como apagá-lo da memória se ele tentava alimentar essa chama de afeto que teimava em não se apagar? Não via perspectivas futuras ao lado dele, mas como

sobreviver sem esse amor que lhe corroia o ser?

Para a alegria de Kassia o médico lhe deu alta na manhã seguinte. Enquanto arrumara suas coisas decidiu que não avisaria Emma que estava saindo mais cedo. Telefonaria para a amiga mais tarde. Ainda era muito cedo.

— Pelo jeito você está muito feliz — brincou a enfermeira, que se tornara amiga de Kassia, ao entrar no quarto.

Abraçando amorosamente a enfermeira que lhe fora tão cortês e dando-lhe uma gorjeta pelos bons serviços prestados, Kassia apanhou sua maleta e se dirigiu até a saída do hospital.

Assim que atingiu a rua, respirou fundo, sentindo-se tão livre quanto um pássaro recém-saído da gaiola.

De repente seu coração disparou dentro do peito:

Lyon se aproximava dela.

"Desse jeito não vou nunca conseguir esquecer esse homem!", pensou, aflita.

— Mais um minuto e você iria visitar um leito vazio

— brincou ela, tentando se mostrar descontraindo.

— Não vim para visitá-la.

— Mesmo? — perguntou desapontada.

— Vim para lhe dar uma carona — Lyon disse pegando-lhe a maleta das mãos.

— Foi muita gentileza sua — ela agradeceu. — Mas tenho de fazer algumas compras antes de voltar para casa e...

Ele não deixou que Kassia continuasse:

— Tenho certeza de que na casa de seus pais há tudo de que você precisa.

— Na casa de meus pais? — estranhou ela. — Eu não vou para a casa de meus pais.

— É para lá que vou levá-la — afirmou decidido.

— Mas meus pais moram em Herefordshire — ela o lembrou.

— Eu sei. Não sofro de amnésia.

— Mas... mas...

Lyon parecia determinado a não ouvir qualquer recusa e já foi colocando a maleta de Kassia no porta-malas de seu luxuosíssimo carro.

— Com os pais dedicados que você tem, eu não vou deixar que saia do hospital e vá ficar sozinha em seu apartamento, Srta. Finn.

— Mas eles nem sabem que fiquei hospitalizada — protestou indignada.

— Você não os informou? — Lyon perguntou atônito.

— Não quis preocupá-los.

— Não deveria ter feito isso! Afinal são seus pais e têm o direito de saber o que acontece com você!

— Você pode até ter razão... Mas já que eles não sabem...

— Mas vão saber mesmo se você se recusar a ir para lá, porque eu vou fazer questão de contar.



Kassia se assustou ao perceber o quanto Lyon estava decidido. Um homem como ele, apesar de não saber o endereço nem o telefone de seus pais, não teria dificuldade nenhuma em descobri-los,

— Não é conveniente ir para lá agora — ainda tentou dissuadi-lo.

— Por quê?

— Porque eles estão se preparando para uma viagem à China.

Pela expressão de Lyon, Kassia percebeu que algo estava por lhe acontecer:

— Bem... já que não pode ir para a casa dos seus pais, vou levá-la para Kingswood. Minha governanta poderá cuidar de você.

— Bem, se está mesmo decidido a me levar para algum lugar que não seja o meu apartamento, então, está bem, eu concordo em ir para a casa de meus pais.

No carro, a caminho de Herefordshire, Kassia se deu conta do quanto Lyon manipulava-lhe a vida. Será que a encarava como mais um objeto de sua propriedade particular?

CAPITULO VIII

Durante a viagem de Londres até Herefordshire, Kassia e Lyon pouco conversaram.

Ao chegarem à pequena cidade onde os pais de Kassia moravam, de maneira lacônica, ela lhe indicou o caminho.

— O que você está fazendo aqui, querida? — indagou a mãe, aflita, ao vê-los. — Não deveria estar trabalhando em Londres?

— Pois é... — Kassia abraçou a mãe com carinho.

— Desculpe-me por não ter avisado que viria. Este é Lyon Mulholland, meu patrão.

— Como vai? — cumprimentou-o Paula Finn apertando-lhe a mão, sem se lembrar de que aquele era o homem que demitira sua filha um dia.

— O que foi isso na testa, filha? — quis saber sua mãe, notando o curativo.

— Nada não, mamãe, apenas bati a cabeça no poste

— mentiu, pois queria contar tudo o que lhe acontecera quando seu pai também estivesse presente. Lyon porém, como sempre tomando a dianteira, contou:

— Kassia acaba de sair do hospital.

— *Hospital?* — Mas o que aconteceu, filha? — gritou Paula empalidecida.

— Nada de grave, mamãe. Já está tudo bem. Apenas sofri uma contusão.

— Contusão? — tornou a mãe, pasma.

— Bati a cabeça, mas não foi nada sério.

Kassia levou um bom tempo contando à mãe como havia sido o acidente. Ao final, concluiu:

— Lyon não deveria ter dito que saí do hospital de forma tão abrupta como fez.

Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Claro que deveria. Você é que fez muito mal de não nos avisar antes. O senhor nem imagina o quanto lhe sou grata por tudo, Sr. Mulholland.

— Ora, Sra. Finn, não tem o que agradecer.

— Pode me chamar de Paula — autorizou ela.

— Então, chame-me apenas de Lyon, por favor.

— Pois bem, Lyon, mas, como eu estava dizendo, a Kassia é uma menina muito teimosa. Imagine que...

E os dois continuaram a conversar de forma empolgada, esquecendo-se completamente de Kassia.

"Quero ver a hora que mamãe souber que esse charmoso e galante rapaz com quem ela tanto se entusiasmou foi o mesmo que me demitiu há bem pouco tempo...", pensava Kassia.

Quando Lyon se levantou para ir embora, Kassia experimentou uma desagradável sensação de vazio e um enorme aperto no coração. Gostaria de abraçá-lo com força e pedir-lhe que ficasse. Gostaria de implorar-lhe que nunca mais saísse de sua vida. Se tivesse coragem para tanto, trancaria a porta e não o deixaria sair. Mas naquelas circunstâncias só lhe cabia dizer:

— É cedo! Espere um cafezinho.

— Não, obrigado. Preciso ir andando. Muitos negócios me esperam. Não tenha pressa em voltar ao serviço. Falarei com seu chefe! — ele brincou.

— Certo... — sussurrou Kassia contendo as lágrimas.

— Não se preocupe, Lyon. Não permitiremos que ela retorne a Londres, a menos que esteja completamente restabelecida.

— Confio em você...

— Pode ficar tranqüilo. Se for preciso desmarcamos nossa viagem à China.

O intuito da piscadela que Lyon lançou a Kassia foi de desculpar-se por não ter acreditado muito na história da viagem dos pais à China.

Kassia acompanhou Lyon até o carro silenciosamente. Não fazia a menor idéia de quando o veria novamente e já não suportava a idéia de ficar ali com os pais, longe de Lyon.

Antes de entrar no carro, Lyon tocou o rosto de Kassia e beijou sua face com extrema suavidade.

— Tchau... Se cuide... — ele disse, baixinho.

— Você também... — respondeu Kassia, inebriada pelo beijo.

Ela ficou parada perto do portão olhando o carro de Lyon se afastar. Depois, inspirou profundamente, enxugou as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto e entrou cabisbaixa. A mãe logo percebeu o que acontecia com a filha. E tentando consolá-la disse:

— É, querida... Não culpo você... Quem não se apaixonaria por um homem daqueles?

As duas ficaram abraçadas alguns instantes. Não se contendo mais, Kassia



chorou.

— Oh, filhinha... Como eu queria ter o dom de poupá-la desse sofrimento. Justo quem você foi amar... Lyon Mulholland. Lyon Mulholland? — gritou Paula, lembrando-se do que Kassia lhe contara anteriormente sobre ele. — Mas como? Não foi ele quem te mandou embora aquela vez e te fez passar a maior humilhação? — esbravejou indignada, afastando de súbito o rosto de Kassia de seu peito.

— Sim, mamãe, foi ele...

— E como pôde se apaixonar por ele?!

— É uma longa história... Deixe o papai chegar que eu conto tudo de uma só vez.

— Bom, vá lá, vá lá! Espero que nos convença com essa longa história. Agora vá descansar, que você me parece abatida, filha. Deite-se lá na sua cama que vou lhe preparar uma sopinha leve.

— Mamãe, tenho vinte e dois anos e não estou doente. Parece que você e Lyon Mulholland querem me convencer que meu estado de saúde é péssimo. Não vou para minha cama. Vou esperar papai aqui mesmo na sala. — E deitou-se no sofá.

Sem dar ouvidos ao que a filha dizia, Paula trouxe-lhe um cobertor e cobriu-lhe as pernas.

Quando o pai de Kassia chegou, perguntou-lhe angustiado:

— Que diabos você tem, filha?

— Nada, nada *mesmo*. Não fique assim tão preocupado, por favor! — E, para provar que falava a verdade, Kassia levantou-se do sofá em um só pulo e o abraçou.

Depois de uma rápida conversa com o pai, os dois, atendendo ao pedido de Paula, foram almoçar.

À mesa, Kassia contou aos pais cada detalhe acerca de seu envolvimento com Lyon, excetuando a noite em que pernoitara na casa dele. Ao mencionar que fora beijada antes de ele entrar no carro, seu pai quis saber:

— Beijou onde?

— No rosto...

— Então, filha. Um beijinho de despedida, o que não quer dizer nada. Talvez ele beije até sua secretária ao chegar no escritório. Tem gente que é assim: beija todo mundo... — Roberto Finn queria desiludir o coração apaixonado da filha, prevenindo-a, talvez, de uma grande decepção.

— Será? — murmurou ela em tom tão melancólico que lhes cortou o coração.

— Claro, filha. Se fosse um beijo nos lábios... Mas um beijinho no rosto não quer dizer nada.

— Pense bem, filha... — entrecortou a mãe. — Um homem tão bonito, charmoso, educado e rico como ele deve ter as mais lindas mulheres de Londres a seus pés.

— Mas nossa filha também é muito bonita — protestou Roberto com energia. — Se quisesse ser miss, garanto que venceria qualquer concurso.

— Ora, papai, deixe de ser coruja. Acho que o senhor nunca viu uma miss de



perto. Eu já vi algumas lá em Londres. São mulheres belíssimas!

— E sabe por que são belíssimas? Porque usam os vestidos mais caros, freqüentam os cabeleireiros mais chiques, usam as maquilagens mais sofisticadas do mundo! Gostaria de ver algumas delas quando se levantam: sem roupa chique, sem maquilagem, sem penteado sofisticado, sem nada. Aposto que levaria um susto.

— Ora, papai! — riu Kassia.

— É verdade, filha. Você é bonita ao natural, não precisa de nada disso para se enfeitar. Acorda de manhã cedo com o mesmo rosto lindo que deitou à noite. E se esse Lyon Mulholland não te quiser, filha, azar dele! — concluiu Roberto fazendo Kassia e sua mãe gargalharem com seu jeito espalhafatoso.

À noite na cama, pensava nas palavras dos pais. Mas não chegava a nenhuma conclusão. Depois de muito refletir, chegou à conclusão de que Lyon deveria gostar um pouquinho dela, caso contrário não a teria trazido até Herefordshire.

Os dias ali naquela cidadezinha do interior da Inglaterra transcorriam em harmonia com a natureza.

No sábado os pais de Kassia a levaram para visitar os avós. Com alegria eles a receberam, e a avó logo serviu à neta o bolo de chocolate que mais gostava. Por mais, porém, que sua família a mimasse, o coração de Kassia estava em Londres e de certa forma sentia-se culpada por não conseguir retribuir o afeto e a atenção que todos lhe dedicavam.

No domingo seu pai sugeriu que dessem mais um passeio após o almoço. Queria levá-la ao zoológico, como fazia quando Kassia ainda era uma menina, na tentativa talvez de ajudá-la a sair desse momento tortuoso e incerto de sua vida. Pela primeira vez na vida via sua filha amuada, descontente com tudo que a rodeava, inquieta e insegura onde quer que estivesse. Sabia muito bem que a razão de tudo aquilo era o todo-poderoso Lyon Mulholland. Gostaria de poder poupá-la de tanto sofrimento, mas estava sendo difícil.

— Estou pensando em voltar para Londres mais cedo, papai. Estive muito tempo fora e não vejo a hora de chegar no meu apartamento — alegou Kassia, tentando arranjar uma desculpa para ir logo embora, pois sentia vontade de ficar sozinha.

— Mas, filha, será que não era melhor você ficar conosco mais uns dias? Afinal, o seu patrão me disse que não tinha pressa em voltar.

— Não se preocupe, mamãe, eu já estou bem...

— Mas então você volta para cá no final de semana para se despedir da gente? Embarcaremos domingo à noite para a China.

— Claro que volto, mamãe. Você acha que eu iria deixar vocês viajarem sem se despedirem de mim? — brincou Kassia.

Após o almoço os pais levaram Kassia para a rodoviária e choraram ao se despedir dela.

Na segunda-feira Kassia chegou bem cedo ao serviço.

— Oh, Kassia querida! — exclamou o Sr. Harrison que, ao vê-la, abraçou-a com o



carinho de um pai amoroso. — Tem certeza de que já está apta a exercer suas funções novamente?

— Estou muito bem, Sr. Harrison, fique tranquilo.

— Oh, filha, que bom que você melhorou... Temi muito pela sua saúde, filha... Muito mesmo...

— Agradeço a preocupação, Sr. Harrison. O senhor é um homem muito bom...

Logo pela manhã, Kassia recebeu um telefonema de Sam.

— Precisamos comemorar o seu regresso, Kassia.

Que tal voltarmos à cantina?

— Acho uma excelente idéia, mas gostaria de esperar alguns dias até me restabelecer por completo.

— O.K., minha senhora: seu pedido é uma ordem! Vamos aguardar essa recuperação. Espero que ela não demore muito!

— Também espero que não, Sam...

À hora do almoço Kassia saiu para comprar um presente de bodas de prata para seus pais. Antes, porém, comeu um sanduíche numa lanchonete.

Depois de muito procurar, acabou comprando um cachimbo com enfeites de prata para seu pai e um gracioso broche para a mãe.

Voltando ao escritório, passou o resto do dia esperando que Lyon viesse falar com o Sr. Harrison, mas ele não deu sinal de vida.

No dia seguinte Kassia também não ouviu falar de Lyon. Na certa ele já sabia que ela voltara, mas nem sequer se dignara a lhe dar um telefonema. Todo o pessoal da empresa, ao contrário, viera vê-la ou lhe telefonara, desejando-lhe boas-vindas. O silêncio de Lyon a exasperava. De repente, no meio de um trabalho, o Sr. Harrison disse a Kassia:

— O Sr. Mulholland volta hoje de viagem, e quer ver essa proposta quando chegar. Por isso temos que aprontá-la de qualquer jeito. Não posso decepcioná-lo.

Kassia sentiu-se flutuar quando ouviu as palavras do Sr. Harrison. Então era por isso que Lyon não viera vê-la?!

— Só mesmo ele para tirar férias no meio da semana — Kassia falou com intenção de conseguir mais informação sobre Lyon.

— Férias? Imagine, Kassia. O coitado do homem, desde que eu estou aqui, nunca soube o que é tirar férias. Ele está viajando a negócios, foi visitar uma empresa do grupo na Itália — esclareceu ele.

Até o final da tarde Lyon ainda não chegara de viagem. O Sr. Harrison em um dado momento informou-a de que ele não iria chegar a tempo de verificar a proposta naquele dia.

— Quem lhe passou a ligação, Sr. Harrison? Não me lembro de ter recebido nenhuma chamada da Itália... — comentou Kassia, já chateada por crer que Lyon telefonara ao Sr. Harrison no telefone direto somente para evitar falar com ela.

— Ele não telefonou, Kassia. Imagine que ele iria ligar para mim só para falar isso! Um de seus assessores foi quem me informou.



— Ah, certo... — disfarçou ela.

Na manhã seguinte Kassia se esmerou na toalete. Foi para o trabalho mais elegante do que nunca. Seu coração batia descompassado cada vez que o telefone tocava.

Finalmente Lyon ligou. - Acho que você já está bem, caso contrário não estaria trabalhando...

— Sim, estou bem — afirmou Kassia, tentando manter-se firme para não gaguejar.

— O Sr. Harrison não está. Queria falar com ele?

— Quem é que perguntou pelo Sr. Harrison? Eu quero vê-la. Suba até minha sala!

— ordenou ele, desligando o aparelho bruscamente.

Kassia era uma pessoa que raramente, ou quase nunca, fugia de um desafio. Por alguns segundos, entretanto, pensou em não atender a ordem de Lyon. Teve vontade de ir embora e nunca mais voltar àquela empresa. Mais uma vez lá estava Lyon, do topo de seu pedestal, lhe dando ordens! Tremia só de pensar em entrar novamente naquela sala: já havia passado maus momentos naquele lugar. Levantou-se e sentou-se várias vezes, sem saber o que fazer.

"Não! Eu vou enfrentá-lo!", decidiu-se por fim e se dirigiu ao elevador.

Kassia tentava não pensar em nada enquanto o elevador subia.

Já no corredor que a levava ao escritório de Lyon pensava que se ele a fizesse esperar como da outra vez, não se responsabilizaria pela reação que teria.

— O Sr. Mulholland me chamou! — comunicou à secretária de Lyon assim que entrou, e para sua surpresa a moça lhe sorriu.

— Você pode entrar, Kassia...

Por incrível que pudesse parecer, Kassia não gostou de ter de entrar assim, imediatamente. Sentia-se frágil e queria recobrar a determinação que se apoderara dela ao decidir-se enfrentá-lo.

Mas não lhe restava mais nada a fazer. Inspirando profundamente, entrou no escritório de Lyon.

O local estava exatamente como da última vez que ali estivera. Kassia sentiu suas pernas amolecerem e pensou que não conseguiria dizer nada.

— Você me chamou? — ela perguntou. Lyon foi extremamente objetivo. Foi direto ao assunto:

— Precisamos conversar! . — É o mínimo que podemos fazer, não? — ela ironizou.

— Não está satisfeito com o meu trabalho?

— Não é sobre isso que quero conversar. -~ Ah, não?! Então qual é o assunto?

— Nós dois!

— O quê?! — ela perguntou espantada.

— A pancada em sua cabeça deve ter embotado seu cérebro para que você não perceba o quanto eu a desejo — investiu ele sem rodeios.

— Talvez sim... — balbuciou Kassia, atônita pelo que acabara de ouvir.

Súbito, Kassia se apercebeu exatamente do que Lyon lhe dissera:, ele a desejava!



Era uma dura realidade!

— Você me fez subir até aqui para me falar sobre p desejo que sente por mim?!

Essa é muito boa!

— E por que eu não posso falar sobre desejo? É proibido?

— Você quer uma amante, é isso?

— Eu quero você, Kassia.

— Ah... sei... Você me escolheu para amante... Se o acidente não embotou meu cérebro, foi isso que entendi. Lyon parecia não gostar do modo como ela colocava a questão, mas se manteve quieto.

Ficaram um longo tempo se olhando fixamente, como se prestes a entrar num ringue e se digladiarem. De repente Lyon perguntou:

— Então?

— Você espera que eu responda a uma pergunta dessas assim de chofre? —

Kassia tentou ganhar tempo.

— E por que não?

Kassia sentiu-se mal com a maneira fria com que Lyon falava sobre uma questão tão delicada. Sabia que era inútil negar que também o desejava, seria hipócrita se o fizesse. Mas ela também o amava e se sentia incomodada por saber que Lyon apenas a desejava fisicamente. Gostaria de dizer-lhe um "não" sonoro e pausado, para provocar-lhe a ira, um "não" que significasse que ela não era apenas um objeto de uso sexual. Seu amor por ele, porém, não a permitiu descartá-lo assim de vez.

— Não posso responder agora.

— Quando então?

— Eu lhe telefono — murmurou ela cabisbaixa, retirando-se em seguida sem se despedir.

Após gastar toda uma noite rolando na cama e pensando na resposta que deveria dar a Lyon, chegou à conclusão de que não havia muito o que decidir. Lyon a queria como amante, mas ela jamais se vira como tal, fosse quem fosse o parceiro, até mesmo Lyon Mulholland. Mesmo amando-o de verdade, jamais poderia submeter-se a esse papel.

Enquanto dirigia até a casa de seus pais no sábado seguinte, Kassia ia pensando na maneira fria como Lyon lhe fizera a proposta: era como se estivesse tratando de mais um negócio de alguma de suas empresas. Pelo jeito ele matara o homem que havia dentro de si em favor do empresário que manipulava a tudo e a todos. Ela porém não se submeteria a esse papel!

Chegando em casa não teve mais tempo de pensar em Lyon, pois seus pais a monopolizaram com sua sede de atenção.

— Papai vai nos levar para jantar num restaurante hoje à noite, em homenagem aos nossos vinte e cinco anos de casados — disse-lhe sua mãe toda sorridente. — E vovó quer que você vá até lá para lhe trançar os cabelos. Diz que só você sabe como deixá-los impecáveis.



— A vovó continua a mesma... supervaidosa!

No jantar, onde Roberto Finn fez questão de reunir toda a família, Kassia se sentia radiante, envolvida que estava pelo bom humor de seus tios, pela euforia de suas tias, pela amizade de seus primos e, sobretudo, pela felicidade de seus pais. Que segredo fizera com que eles, por vinte e cinco anos seguidos, conseguissem manter acesa a chama do amor?

À noite porém Kassia sonhou com Lyon e acordou mal-humorada com a mãe chamando-a com meiguice:

— Acorde, filha... Seu chá está esfriando.

— Você parece tão feliz quanto uma criança, mamãe... — brincou Kassia, deixando de lado o mundo dos sonhos e se contagiando pela alegria da mãe.

— Já acordou de verdade, filha?

— Claro, não está vendo?

— Mas está bem acordada mesmo?

— Com toda certeza!

— Então, olhe! — E a mãe estendeu-lhe a mão mostrando-lhe o suntuoso bracelete que lhe enfeitava o pulso.

— Onde você arranjou isto? — perguntou Kassia boquiaberta

— Seu pai me deu ontem à noite quando fomos nos deitar. Ele ia me dar quando chégássemos na China, mas não agüentou esperar.

— Oh, mamãe, é lindo!

O exemplo do casamento feliz de seu pai fizera com que Kassia, agora sem a menor sombra de dúvida, concluísse que jamais seria amante de Lyon. Sua decisão finalmente estava tomada. Queria alguém que a amasse como seu pai amava sua mãe, queria ser feliz ao lado de alguém como sua mãe era ao lado de seu pai.

Ao descer de seu quarto, Kassia sentiu que tomara a decisão mais acertada de toda sua vida. Sorrindo, disse a seu pai:

— Agora já sei onde anda gastando suas economias... Você tem um extremo bom gosto, papai...

— Prometo trazer alguma coisa bem bonita da China para você, filha.

Kassia entregou os presentes dos pais após o almoço, sentindo-se realizada ao constatar que conseguira realmente agradá-los.

À tardezinha a família toda foi para o aeroporto em Londres despedirem-se do casal.

— Tenham uma ótima viagem, queridos. Até a volta... — despediu-se Kassia sentindo um nó na garganta.

Seus avós e seus tios voltaram para o interior e Kassia regressou a seu apartamento. Ansiosa, ligou para Lyon.

— Mulholland — atendeu ele do outro lado da linha.

— Kassia Finn — retrucou ela.

Como Lyon permanecesse em silêncio ela deduziu que não queria ouvir nada mais

do que a resposta que prometera lhe dar.

— Já tomei uma decisão!

— E qual é? — inquiriu ele.

— A resposta é não, Lyon.

Sem resposta, Lyon desligou o telefone deixando Kassia aniquilada.

De volta ao trabalho na segunda-feira de manhã a primeira coisa com que deparou foi uma carta em cima de sua mesa. Seu nome estava escrito no envelope corri uma letra que ela reconheceu como sendo a mesma do cartão-postal que recebera da Austrália.

Não quis porém abrir o envelope de imediato. Sentia muito medo!

CAPÍTULO IX

Com olhos incrédulos Kassia lia e relia a carta que Lyon lhe enviara. Como ele tivera coragem para tanto? Como ele ousava despedi-la assim, sem mais nem menos? Quem Lyon Mulholland pensava que era?!

Como uma autômata, Kassia arrumou seus pertences e deixou pela última vez sua sala. As palavras da carta se embaralhavam em sua mente enquanto ela se encaminhava para o elevador.

Sequer teria chance de se despedir de seu chefe, o Sr. Harrison, pois justamente nesse dia ele não estava na empresa. Até nisso Lyon pensara!

Ao adentrar o elevador, apertou o botão que a levaria ao andar do escritório de Lyon.

— Como ele pôde fazer isso comigo, aquele rato traiçoeiro! — dizia a si mesma enquanto o elevador subia.

Ao atingir o andar, saiu do elevador como um furacão, entrando antes de permitir-se anunciar na sala do todo-poderoso Mulholland.

Via atirado ao chão todo aquele intenso amor que sentira por ele, ao constatar que era sórdido o bastante para eliminá-la de sua empresa somente porque não cedera ao seu convite libidinoso.

No escritório havia dois homens com Lyon e um deles era Cedric Lennard, o mesmo diretor que lá estivera da primeira vez em que adentrara aquele recinto.

Lyon levantou-se assim que a viu e se aproximou na tentativa de conter-lhe a fúria.

— Seu miserável! — Kassia gritou enquanto tirava da bolsa a carta que ele enviara.

Seus olhos verdes faiscavam enquanto rasgava a carta em pedacinhos e os atirava na cara de Lyon.

— Você sabe o que pode fazer com seu emprego? Já lhe disse uma vez e agora repito: faça bom proveito dele!

— Faça essa mulher sair — gritou Cedric Lennard à secretária de Lyon.

— É você quem deve sair! — retrucou Lyon pegando Cedric pelo braço e

conduzindo-o até a porta, juntamente com sua secretária e o outro diretor. — Não quero ser importunado por ninguém! — recomendou à secretária.

Kassia também quis sair, mas Lyon a impediu:

— Você fica!

— Não entendeu bem o que eu disse ao telefone? Não quero ter um caso com você!

— Entendi perfeitamente e gostei muito dessa sua decisão.

— Você gostou? — inquiriu Kassia, espantada. O que Lyon estava querendo dizer? Lembrava-se direitinho o que estava escrito na carta! — Você gostou tanto que me despede assim sem mais nem menos! Você não passa de um crápula!

— Obrigado. Sua opinião sobre mim muito me lisonjeia.

— Oh, céus! — desabafou Kassia. — E eu, como você acha que estou me sentindo? Lisonjeada por ter sido demitida mais uma vez? Nunca mais trabalharei para você novamente! Nunca mais! Como pôde supor que minha opinião sobre você fosse favorável depois do que fez comigo?

— Depende. Qual era sua opinião sobre mim antes?

— Qualquer que fosse ela, não interessa mais, pois o que prevalece é a minha opinião atual!

Ouvindo a respiração ofegante de Lyon, Kassia concluiu que desta vez conseguira irritá-lo.

— Você está muito nervosa!

— E você queria o quê, hein? Que eu estivesse feliz por ter sido vítima de uma injustiça? Você não presta, Lyon! É um homem arrogante e cruel! Tenho certeza de que ainda vai sofrer muito na vida.

Kassia de novo tentou sair e mais uma vez foi impedida.

— Então — esbravejou ela nervosa. — Vai me obrigar a ficar aqui olhando para a sua cara?

— Você está se sentindo muito insegura, Kassia... Tente se acalmar...

Vendo que ele percebia exatamente como se sentia, Kassia estremeceu. Não podia se trair, Lyon não podia saber que o amava.

— Eu não estou insegura. E sim com muita, muita raiva.

Lyon por um longo momento permaneceu fitando-a nos olhos; então disse de forma serena e meiga:

— Pois eu estou me sentindo profundamente inseguro.

— Você... inseguro? Só pode ser brincadeira.

— Não estou brincando, Kassia!

— Imagine... Nunca vi uma pessoa tão segura como você...

— É... mas eu mudei. Você me fez mudar, sabia?

— Não... isso não pode ser verdade... Só porque não aceitei me tornar sua amante você se tornou um homem inseguro? Essa é muito boa! Mas pensando melhor isso pode ter acontecido mesmo! Mexi com o seu orgulho. Certamente não é todo dia que uma

mulher lhe dá um não quando é convidada para ser sua amante. Sinto muito, Sr. Mulholland, por mim o senhor vai continuar inseguro porque minha resposta é e vai continuar sendo *não* enquanto eu me chamar Kassia Finn. E agora, se me dá licença...

— Você só vai sair daqui quando eu quiser! — gritou ele perdendo a calma. — E agarrando-a pelo braço obrigou-a a sentar-se no sofá. — Se é que ainda não me fez entender, eu não quero ter um caso com você e nunca quis.

— Ótimo. E agora que constatamos que nós dois estamos satisfeitos eu vou embora e não quero vê-lo nunca mais em minha frente pelo resto de minha vida.

Lyon a segurou com força impedindo-a de se erguer do sofá.

— Se minhas suspeitas estão corretas, você não está tão satisfeita comigo quanto eu estou com você — revidou ele.

Kassia tentou encontrar algo sarcástico para dizer a fim de acabar logo com aquela tortura.

— É lógico que não estou satisfeita. Ou você acha que devo sair pela rua pulando de alegria sempre que sou enxotada de um emprego?

— Meu Deus! Será que você podia calar a boca só um minuto? Isso não tem nada a ver com seu emprego! Se esse emprego, se sua carreira profissional tem tanta importância para você posso lhe providenciar a carreira mais promissora do mundo. Mas será que você não entende que essa demissão não tem nada a ver com seu desempenho profissional?

— Não tem?!

— Não, não tem!

— Não estou entendendo. Por que então me mandou a carta?

— Para que você viesse até aqui!

— Não seria muito mais simples você pegar o telefone e mandar que eu subisse, como aliás sempre fez?

— Teria sido mais simples, muito mais simples... — concordou ele. E parou de falar, como se quisesse tomar fôlego antes de continuar. E concluiu: — Você provocou em mim tantas emoções, minha querida, que eu já não sei mais o que estou fazendo.

Duvidando do que acabara de ouvir, só o que Kassia conseguiu fazer foi olhar para ele atônita. Sentia-se como que flutuando nas nuvens, porém era difícil de acreditar naquela realidade.

— Eu lhe provoquei emoções? — balbuciou ela. Lyon balançou a cabeça afirmativamente, fitando-a nos olhos, e continuou:

— Eu me tornei um estranho para mim mesmo. Não sou mais a pessoa que era antes de conhecê-la...

— Não é? ~ foi só o que Kassia conseguiu pronunciar.

— Não, não sou...

— E é por minha causa?

— Sim, por sua causa. Você me afetou profundamente desde o primeiro dia em que a vi.



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Oh! — exclamou ela estupefata. — Quer dizer, desde aquela primeira vez em que estive nesta sala?

— Exatamente...

Kassia não sabia se ria ou chorava... Gostaria de fazer várias perguntas a Lyon, mas não tinha coragem. Não... não podia se iludir. Lyon nunca iria amá-la. Nunca... Se sentira ofendido, só isso...

— Bem... eu vou embora... — Kassia disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Não, Kassia... Fique... ainda temos muito que conversar... Bem... durante os últimos anos eu fiquei muito trancado dentro de mim mesmo. Nada era capaz de me alegrar... Então você entrou em minha vida e tudo mudou... É certo que fiquei confuso... Fiquei, não, ainda estou confuso... mas sinto que muita coisa mudou desde que a conheci. Muita coisa, Kassia...

Diante de palavras tão belas pronunciadas pelo homem que tanto amava, Kassia sentia-se perplexa. Ele continuou:

— Sei que teria sido bem mais fácil se eu a procurasse e lhe dissesse tudo o que me passava pela mente, mas me acovardei.

— Você está falando sério?

— Nunca falei tão sério em toda minha vida, Kassia... Me sentia muito sozinho sem você... Por isso pedi que me ligasse quando fosse promovida, lembra-se?

— Claro que me lembro...

— Então decidi que já era tempo de você retomar suas atividades de secretária.

— Ah, então foi você que arranjou a minha promoção...

— Perdoe-me, Kassia, mas precisei fazer isso. Queria a todo custo ouvir sua voz e até me sentia culpado por sabê-la exercendo uma função inferior a sua capacidade. Tive que dar um jeito de antecipar sua promoção, que aconteceria mais cedo ou mais tarde...

— Bem, de qualquer forma, não posso deixar de lhe agradecer pelo que fez...

Kassia sentia-se tão emocionada que seus olhos marejaram de lágrimas. De repente, porém, uma lembrança lhe ocorreu: a maneira fria com que Lyon a recebera após voltar da Austrália. Abaixou a cabeça por algum tempo, como se ainda sentisse a decepção daquele dia.

— Você diz que se sentia sozinho, mas quando chegou da Austrália se negou a me procurar... E, quando fui a sua casa, não mostrou o menor gesto de carinho por mim...

— Oh, Kassia querida, não queria machucá-la, foi por isso que a tratei daquela maneira.

Lyon estava conseguindo confundi-la. Para ela ele estava se contradizendo. Como poderia não ter querido machucá-la se a tratara com indiferença naquele dia em Kingswood?

— Desculpe-me, Lyon, mas não estou conseguindo entender... Se não queria me machucar, por que me tratou tão mal naquele dia? Isso é contraditório... Para não me machucar você resolve me desprezar? Será que você poderia me explicar o que aconteceu?



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Pois bem, Kassia. Vou tentar ser mais claro. Nós nos despedimos um dia antes da minha partida para a Austrália, mas minha mente continuou perto de você. Quase liguei de lá só pelo prazer de ouvi-la. Então mandei o cartão, pois queria manter um vínculo com você quando voltasse. Era, para mim, uma desculpa procurá-la novamente.

— Mas você não manteve contato algum. Já havia voltado há dias e...

— Eu sei — ele a interrompeu. — Acredite-me. Pensei em você cada instante enquanto estive longe, mas de repente decidi que não poderia vê-la novamente.

— E por quê? — inquiriu ela curiosa.

— Não queria mais vê-la porque... porque... percebi que estava te amando.

Kassia ficou boquiaberta ao ouvir as últimas palavras de Lyon. Sentiu que lhe faltava o ar, tamanha a emoção que a invadiu.

— Você... você... estava me amando?

— Sim, durante a viagem de volta foi que descobri que aquela vontade louça de vê-la só podia ser amor. Jamais havia sentido uma emoção assim em toda minha vida.

— Então por que você foi tão frio, tão hostil, tão indiferente quando apareci em Kingswood naquele dia?

— Engraçado... Quando a vi tive vontade de tomá-la nos braços e declarar-lhe o meu amor. Mas me senti sufocado pela emoção e senti medo... medo de ser rejeitado.

Confusa, Kassia não via lógica nas palavras de Lyon. Como ele conseguira ser tão frio naquele dia se já sabia que a amava?

— Você age de maneira estranha, Lyon.

— Eu sei...

— Sofri tanto naquele dia...

— Talvez eu seja meio estranho mesmo. Mas o caso é que jamais havia sentido algo parecido e fiz de tudo para me defender.

— Como assim? — ela quis saber.

— Já disse para você, Kassia. Estava com medo, nunca acreditei que pudesse amar alguém. Por isso agi daquela maneira.

Kassia queria acreditar em tudo o que ouvira, mas i temia que de repente Lyon lhe dissesse que tudo aquilo não passava de uma brincadeira de mau gosto.

— Não acredito em você — disse ela, então.

— Tente me entender, Kassia. Lá estava eu, um homem que quase sempre teve tudo na vida, perdidamente apaixonado como um adolescente.

— Estou tentando entender, mas não consigo. Acho que para mim a vida é bem mais simples. Minha impressão é que você tenta complicar tudo.

— É... sou bem complicado, mesmo — ele ponderou. — Bem, a verdade é que o casamento nunca esteve nos meus planos, sempre tive total aversão a essa instituição.

Kassia ficou surpresa ao ouvi-lo falar em casamento. Aonde Lyon estava querendo chegar?

— Acha que as pessoas que se casam se tornam profundamente infelizes.

— Meus pais são muito felizes.



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Pois os meus, não. Para falar a verdade, minha família toda é profundamente infeliz. Garanto que em nenhuma família inglesa há tanto divórcio. Você não imagina com foi bom para mim conhecer os seus pais. Eles são tão unidos... Vinte e cinco anos de casamento é tempo demais... Tanta felicidade me assusta...

— Não sabia que meus pais tinham impressionado tanto você...

— Pois me impressionaram... E muito...

— Mas você um dia também pode ser feliz...

— Não sei, não, Kassia... Acho que não... Às vezes me pego pensando em como seria minha vida se tivesse uma esposa, filhos... E aí penso nos meus pais... Eles se separaram quando eu ainda era um menino. Fui levado para Kingswood para morar com meu avô. Mas as brigas que presenciei entre os dois nunca saíram da minha mente... Mais tarde tive também que presenciar o divórcio de minhas duas irmãs. Por isso a idéia de casamento sempre me assustou.

Kassia sentiu pena de Lyon que apesar de adulto sofria as conseqüências de uma infância traumática, por isso era tão agressivo. Kassia sentia-se emocionada e, embora tentasse, não conseguia esquecer da proposta que Lyon lhe fizera para que se tornasse sua amante.

— Lyon, não gostei nem um pouco da proposta que você me fez.

— Qual proposta?

— Você quis que eu me tornasse sua amante.

— É... quero que me desculpe também por isso...

— Lyon, me diga uma coisa: você interferiu para que eu voltasse para a Mulholland?

— Interferi, sim, Kassia... E se você não gostou me perdoe também por isso... Quando eu soube que Gordon Harrison já podia voltar para o trabalho achei que você seria a pessoa certa para secretariá-lo novamente.

— Mas naquele dia em que nos encontramos na porta da firma você fingiu não me ver. Por que fez isso se queria tanto me manter perto de você?

— Quando a vi conversando com o cafajeste do Tony Rawlings tive vontade de pegá-lo pelo pescoço. Então, achei melhor passar direto.

— Você sentiu ciúme de Tony?

— E de Sam Ottaway também. No caso do Tony ainda pude fazer alguma coisa, mas o Sam sempre foi uma pessoa muito íntegra.

— Coitado do Tony. Teve de ficar trabalhando à noite sem saber por quê — ela riu. — E depois você me chamou até aqui para me prevenir contra ele e me largou quinze minutos plantada aí fora esperando...

— Aquele dia foi horrível. Eu estava furioso com você, morrendo de ciúme e me sentindo um tolo por tê-la chamado até aqui. Quando soube que estava aí fora esperando não conseguia mandá-la entrar, precisava pensar no que iria dizer para não parecer infantil.

— Você foi muito persuasivo quando falou sobre a reputação de Tony.



Sabrina 601 – Sem Coragem para Amar – Jéssica Steele

— Mas antes nunca a tivesse chamado aqui. Não imagina o quanto foi difícil escutar você dizer que já havia ido para a cama com Tony.

— Oh, Lyon... Apenas quis provocá-lo, será que você não percebeu? Me perdoe, por favor.

— Você é quem deve me perdoar, meu amor... principalmente pelo modo grosseiro como eu a beijei.

Lyon abraçou Kassia como se quisesse protegê-la de todos os males do mundo, e suas bocas se uniram num beijo cálido.

— Oh, Kassia... Você gosta mim?

Kassia não podia mais negar o amor que sentia por Lyon. Porém, a emoção a impedia de dizer as palavras que ele queria ouvir.

— Oh, meu amor... — Lyon sorria. — Nós seremos muito felizes em Kingswood.

— O quê? — Alarmada, Kassia se afastou bruscamente de Lyon.

— Kassia, você não me ama? É isso? Você não me ama?

— Sim, eu te amo, Lyon — confessou ela finalmente. — Também amo você desde a primeira vez que o vi.

— É bom demais para ser verdade. Sou o homem mais feliz do mundo... Venha, me abrace...

— Por favor, Lyon, não posso. Estou me sentindo muito, muito confusa. Tudo está acontecendo rápido demais... Subi aqui com um ódio imenso, de repente você diz que me ama... e depois me convida para ir morar com você em Kingswood.

— Mas você... você disse que também me ama...

— Preciso de um tempo para pensar, Lyon. Meus pais foram para a China e...

— Acha que eles não me aceitarão? — ele a interrompeu. — Será que não sou o marido que querem para você?

— Marido?! — exclamou ela surpresa.

— Meu Deus! Você pensou que eu estava lhe pedindo o quê? Quando falei em morarmos em Kingswood, pensei que tivesse compreendido que eu queria me casar com você.

— Oh, Lyon...

— E então, você quer se casar comigo? — insistiu ele tomando-a nos braços.

— Tem certeza de que é isso mesmo que você quer? Casamento para mim é coisa séria.

— Kassia, Kassia... você ainda acha que eu tenho alguma dúvida a esse respeito? Não tenho mais dúvida nenhuma! Estou convicto de que é tudo o que eu mais quero em minha vida!

— Tenho certeza de que seremos felizes, querido. Mais felizes que meus pais, mais felizes que meus avós..

— E onde passaremos nossa lua-de-mel?

— Que tal nas estrelas? Não, prefiro passar a nossa lua-de-mel do outro lado da lua: eu, você e o infinito...

